



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

ALEXANDRE MORONI

**VOZES E MEMÓRIAS DOCENTES: A TRAJETÓRIA ENTRE A MODALIDADE
PRESENCIAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS DO RS**

CANOAS, 2015

ALEXANDRE MORONI

**VOZES E MEMÓRIAS DOCENTES: A TRAJETÓRIA ENTRE A MODALIDADE
PRESENCIAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS DO RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof.^a Dra. Patrícia KayserVargas Mangan

Co-orientação: Prof.^a Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M868v Moroni, Alexandre.

Vozes e memórias docentes [manuscrito]: a trajetória entre a modalidade presencial e a educação a distância na percepção de professores de instituições de ensino superior privadas do RS / Alexandre Moroni. – 2015.
103 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015.
“Orientação: Prof^a. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan”.

1. Ensino superior a distância. 2. Ensino superior privado. 3. Memória social. 4. Cibercultura. I. Mangan, Patrícia Kayser Vargas. II. Título.

CDU: 37.018.43

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

ALEXANDRE MORONI

**VOZES E MEMÓRIAS DOCENTES: A TRAJETÓRIA ENTRE A MODALIDADE
PRESENCIAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS DO RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em 15 de Maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Unilasalle

Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Unilasalle

Prof. Dr. Lucas Graeff
Unilasalle

Prof. Dr. Miguel Alfredo Orth
UFPEL

Porque, quando eu nasci, vocês estavam lá, para babar igual aos nossos pais.
Porque, quando dei meus primeiros passos, vocês estavam lá para me segurar.
Porque, nas alegrias das chegadas e nas tristezas das despedidas, vocês estavam ao meu lado.
E por vocês estarem presentes agora, dedico essa vitória a vocês minhas irmãs,
Ciliane Loren Moroni e Jane Moroni Poletto.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram e apoiaram nessa conquista.

Inicialmente agradeço a Deus por nunca desistir de mim;

Aos meus pais, Silvestre Cesar Moroni (*in memoriam*) e Paula Elizabeth Dorigon Moroni (*in memoriam*) pela minha vida;

Aos meus familiares, sem exceção, por estarem sempre por perto;

Aos meus colegas, professores que compartilharam comigo as suas experiências na composição deste trabalho;

Aos professores, colegas, amigos e funcionários do Unilasalle, pela cumplicidade e diversão ao longo dessa jornada;

A todo o grupo de professores, tutores virtuais, funcionários, estagiários e menores aprendizes que trabalharam comigo nos últimos anos e que, juntamente com meus amigos pessoais e virtuais, auxiliaram na divulgação e crescimento da *fan page* do MemorialEAD.

Agradeço em especial à Professora Doutora Patrícia Kayser Vargas Mangan, minha Orientadora, por me estender a mão em diversos momentos de desânimo, à minha Co-orientadora, Professora Doutora Cleusa Maria Gomes Graebin, pela paciência e serenidade e ao Professor Doutor Lucas Graeff, pelas palavras de incentivo e apoio.

Muito obrigado, pois sem vocês essa vitória, não teria tamanha grandeza!

A ninguém deve ser negada a oportunidade de aprender, por ser pobre, geograficamente isolado, socialmente marginalizado, doente, institucionalizado ou qualquer outra forma que impeça o seu acesso a uma instituição. Estes são os elementos que supõem o reconhecimento de uma liberdade para decidir se se quer ou não estudar (Charles Wedemeyer apud Keegan, 1986).

RESUMO

O presente projeto tem como tema a EAD e como objeto a trajetória de professores que atuavam em cursos de graduação superior presencial e passaram a trabalhar em EAD. A pesquisa teve como norteadora, a seguinte questão: como ocorreu a passagem dos professores em atividade na modalidade de educação presencial para a modalidade EAD? Os principais conceitos e pressupostos teóricos que fundamentaram a construção do trabalho, na questão de Memória Social, foram Halbwachs (2006), Gondar (2005) e Dodebei (2009); de memorial: Axt (2012); e de Educação a Distância: Litto e Formiga (2009; 2012), Mattar (2011), Tori (2010), Belloni (2009), Moore e Kearsley (2007). O objetivo geral deste projeto é conhecer, a partir das memórias de professores com atuação prévia na docência em cursos superiores presenciais, como ocorreu a passagem para os cursos superiores na modalidade a distância. A pesquisa foi realizada em duas etapas: com caráter exploratório, através de pesquisa bibliográfica e documental, de 2013 a 2015; e pesquisa de campo, através do levantamento de dados a partir de 2013 e de entrevistas temáticas, a partir de 2014. A análise dos dados foi realizada utilizando a técnica de Análise de Conteúdo Temática. O estudo apresenta como produto final a construção de um espaço virtual chamado MemorialEAD, cuja missão é auxiliar na construção da história e das memórias sobre a EAD no Brasil. Neste espaço de memória virtual, docentes de Instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul podem registrar suas percepções acerca do cenário atual da EAD e suas memórias sobre práticas passadas. No MemorialEAD, consta sua apresentação, missão e objetivos; pesquisa bibliográfica e documental sobre a evolução da EAD no Brasil, fotos da evolução da educação a distância e suas tecnologias, a legislação que versa sobre a EAD no Brasil, sites de pesquisa na Internet com credibilidade e lista de artigos, notícias, eventos, relatórios, estatísticas relacionadas à EAD. Ainda apresenta ferramentas de apoio para docentes bem como tutoriais de utilização e um AVA com oferta de cursos livres sobre tecnologias na área da educação. Cabe salientar que o MemorialEAD, além de ser um repositório digital dessas narrativas docentes, pretende realizar e divulgar novas pesquisas relacionadas à Educação a Distância.

Palavras-chave: Educação a Distância, Memória Social, Espaço de Memória Virtual, Cibercultura, Experiências Docentes em EAD.

ABSTRACT

The theme of this project is the distance learning and the object is the career of teachers laboring in face-to-face graduation courses and started do work in graduation courses in *EAD* (Distance Education). The problem raised for research purposes formulates the question: how was the transition of teachers laboring with classroom teaching to the Distance Education mode? The main concepts and theories that based the construction of this project were in the issue of Social Memory: Halbwachs (2006), Gondar (2005) and Dodebei (2009); in the issue of Memorial: Axt (2012); and in the issue of Distance Education: Litto and Formiga (2009; 2012), Mattar (2011), Tori (2010), Belloni (2009), Moore, and Kearsley (2007). The aim of this project is to know, from the teachers memories with prior performance in classroom teaching in university education, how they felt changing to Distance Education courses. The research took place in two steps: with exploratory, through bibliographical and documentary research, 2013-2015; and field research through survey data from 2013 and thematic interviews from 2014. The data analysis was performed using the Thematic Content Analysis technique. This work presents as a final product the construction of a virtual space called MemorialEAD, which mission is to preserve the past, experience the present and assist in building the future of *EAD* in Brazil. In this virtual memory space, professors of University Education Institutions from Rio Grande do Sul can record their perceptions of the current *EAD* scenario as well as their memories. In MemorialEAD virtual space their presentation, mission and goals are presented; bibliographical and documentary research on the development of *EAD* in Brazil, photos of the evolution of distance learning and its technologies, legislation that deals with the *EAD* in Brazil, search sites from the Internet with credibility and list of articles, news, events, reports, statistics related to the *EAD*. It also has support tools for professors and tutorials of use and a VLE (Virtual Learning Environment) by offering free courses technologies in the education area. It should be highlighted that the MemorialEAD, besides being a digital repository of these teaching narratives, intends to carry out and disseminate new research related to Distance Education.

Keywords: Distance Education, Social Memory, Virtual Memory Space, Cyberculture, Teaching Experiences in Distance Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Evolução do Número de Matrículas por Modalidade de Educação – 2003-2013.....	27
Figura 2 – Percurso metodológico da pesquisa.....	60
Figura 3 – Página "Vozes e Memórias Docentes" do <i>website</i> MemorialEAD.....	61
Figura 4 – Sistematização das categorias de análise de dados.....	63
Figura 5 – <i>Fan Page</i> de divulgação do MemorialEAD no Facebook.....	101
Figura 6 – Tela de apresentação do <i>website</i> MemorialEAD.....	102
Figura 7 – Área restrita do MemorialEAD, onde estão armazenadas as entrevistas em áudio e transcritas.....	102
Figura 8 – Área restrita, entrevista do Professor Doutor Alexandre Cruz Berg em áudio e transcrita.....	103
Figura 9 – Entrevista com foto do Professor Doutor Alexandre Cruz Berg publicada no <i>website</i> do MemorialEAD.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – IES credenciadas para programas de EAD no RS.....	29
Quadro 2 – AVA's utilizados pelas IES privadas credenciadas no RS com oferta de cursos superiores em EAD no ano de 2014.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cursos EAD regulamentados totalmente a distância oferecidos pelas instituições em 2013.....	27
Tabela 2 – Situação em 2014 das IES no RS e a oferta de cursos superiores em EAD.....	32
Tabela 3 – Distribuição geográfica do número de disciplinas EAD em cursos superiores.	35
Tabela 4 – Distribuição das empresas fornecedoras de produtos e serviços de EAD, em 2013, segundo sua localização geográfica.....	36
Tabela 5 – Características dos AVA's utilizados pelas IES em 2013.....	38
Tabela 6 – Recursos e ferramentas dos AVA's utilizados nas IES participantes do CENSO.EAD.BR 2013.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	JUSTIFICATIVA.....	17
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	22
3.1	Alguns elementos históricos da EAD no Brasil.....	22
3.2	Expansão da EAD via Internet.....	26
3.3	20% a distância em cursos superiores presenciais.....	33
3.4	Ambientes Virtuais de Aprendizagem.....	35
3.5	Recursos e ferramentas dos AVA's.....	39
3.6	Os diferentes papéis do professor na EAD.....	41
4	REFERENCIAL TEÓRICO.....	45
4.1	A memória social.....	45
4.2	Memória individual e memória coletiva.....	46
4.3	Os espaços de memória virtual.....	49
5	METODOLOGIA.....	54
5.1	Etapa 1 – com caráter exploratório.....	54
5.2	Etapa 2 – pesquisa de campo.....	55
5.3	Método de análise de dados.....	58
5.4	Percurso Metodológico.....	59
6	ANÁLISE DE DADOS.....	62
6.1	Temas e Categorias.....	63
<i>6.1.1</i>	<i>Ingresso na EAD.....</i>	<i>63</i>
<i>6.1.2</i>	<i>Percepção sobre EAD.....</i>	<i>66</i>
<i>6.1.3</i>	<i>Impactos na transição da modalidade presencial para EAD.....</i>	<i>69</i>
<i>6.1.4</i>	<i>Boas práticas e relações com os alunos na EAD.....</i>	<i>73</i>
<i>6.1.5</i>	<i>Diferentes papéis do professor EAD.....</i>	<i>78</i>
<i>6.1.6</i>	<i>Ferramentas mais utilizadas nos AVA's para o ensino na EAD.....</i>	<i>80</i>
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	87
	APÊNDICE A – Roteiro Geral.....	93
	APÊNDICE B – Ficha Técnica da Entrevista.....	94
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	95

APÊNDICE D – Cessão Gratuita de Direitos de Depoimento Oral.....	97
APÊNDICE E – Cessão Gratuita de Direitos de Uso de Imagem.....	98
APÊNDICE F – O Produto Final.....	99

1 INTRODUÇÃO

Devido às tecnologias computacionais, incluindo a Internet¹, vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, com o acesso facilitado às informações, embora não irrestrito, a partir de textos, sons e imagens publicados em qualquer parte do mundo. Com a possibilidade de conectar pessoas e instituições, através de seus computadores em uma rede mundial e com a dinâmica evolutiva no desenvolvimento de novas tecnologias, novos conceitos são incorporados ao nosso cotidiano como, por exemplo, o ciberespaço e a cibercultura.

O ciberespaço é um espaço virtual² que “favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais” (LÉVY, 2003, p. 89) e, segundo Lévy, a “cibercultura especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p. 17).

Nesse novo cenário, criaram-se novas demandas educacionais e profissionais que impulsionaram a diversificação nas modalidades de educação com o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC's). Dentre essas modalidades, que foram influenciadas pelas novas tecnologias, está a EAD, sendo que o significado da sigla ainda gera estudos e discussões. Conforme o destaque atribuído por cada autor aos processos de ensino e aprendizagem, a EAD pode ser caracterizada por Ensino ou Educação a Distância (BELLONI, 2009).

Demo (1994, p.60) diferencia as expressões Ensino e Educação a Distância da seguinte forma.

Ensino a distância é uma proposta para socializar informação, transmitindo-a de maneira mais hábil possível. Educação a distância, por sua vez, exige aprender a aprender, elaboração e, conseqüentemente, avaliação. Pode até conferir diploma ou certificado, prevendo momentos presenciais de avaliação.

¹Para Slater III (2002, *apud* MARÇULA e BENINI FILHO, 2007, p. 308), da Internet Society: “a Internet é uma rede de redes que conecta muitos governos, universidades e computadores particulares e fornece uma infraestrutura para o uso do correio eletrônico, depósitos de arquivos, documentos, hipertexto, bancos de dados e outros recursos computacionais. Atua como uma enorme rede para transporte de dados e mensagens a longas distâncias ao redor do mundo”.

²“Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 2003, p. 15).

Neste trabalho a sigla EAD será utilizada para designar Educação a Distância, por entender que o significado de educação a distância é mais amplo que ensino a distância, pois o mesmo não implica apenas em socialização da informação, mas sim um processo contínuo de aprendizado, construção e avaliação do conhecimento.

Embora a EAD seja uma modalidade antiga, a partir da segunda metade da década de 1990, ela passa por grandes modificações viabilizadas pela Internet, em particular no Brasil. Nesse cenário, os professores, juntamente com seus alunos, passaram a usar também esses novos espaços, munidos de ferramentas tecnológicas, interagindo, compartilhando, construindo, observando, enfim, experienciando essa nova modalidade.

Com estes argumentos, o objeto dessa pesquisa, a memória social como fonte de informação para identificar a trajetória de professores em atuação em cursos de graduação superior presencial, ao atuarem em cursos de graduação em EAD, foi motivado pelo interesse na modalidade EAD e pelo respeito aos profissionais da área da educação. Por meio desse trabalho, investiga-se o seguinte problema de pesquisa: como ocorreu a passagem dos professores em atividade na modalidade de educação presencial ao atuarem na modalidade EAD?

Ainda foram elencadas as seguintes questões norteadoras:

- Quais os maiores desafios enfrentados pelos docentes na mudança de modalidade de educação?
- Quais os impactos na atuação profissional dos docentes que passaram a atuar na modalidade EAD?

Nesse contexto, foram definidos, como escopo investigativo, cursos superiores na modalidade a distância, os quais se caracterizam por serem cursos de graduação (bacharelados, licenciaturas ou superiores de tecnologia) ministrados em EAD, os quais, respeitando a legislação, devem pertencer a instituições de ensino superior previamente credenciadas para tal oferta.

Foram selecionados os cursos superiores na modalidade a distância, pois trabalhos com testemunhos de docentes que atuam e/ou atuaram na EAD nesse modelo ainda não foram identificados na literatura. Além disso, esse estudo tem a intenção de compor um projeto contínuo e mais amplo, no sentido de colher testemunhos de professores que atuam e/ou atuaram na EAD em todos os modelos e formatos e nas demais IES do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O objetivo geral deste projeto é conhecer, a partir das memórias de professores com atuação prévia na docência em cursos superiores presenciais, como ocorreu a passagem para os cursos superiores na modalidade a distância.

Os objetivos específicos são:

- Apresentar, brevemente, a história da EAD e sua evolução no Brasil.
- Colher, registrar e analisar os testemunhos dos professores em atuação na modalidade presencial e que atuam e/ou atuaram na modalidade a distância.
- Identificar os desafios enfrentados pelos docentes na mudança de modalidade de educação.
- Compreender como a mudança de modalidade impactou suas atuações profissionais.

Uma vez que essa pesquisa vem sendo desenvolvida na composição do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, na linha de pesquisa em Memória e Linguagens Culturais, é essencial o desenvolvimento de um produto final que, nesse caso, constitui-se na criação de um *website*³, espaço de memória virtual chamado MemorialEAD, onde serão disponibilizadas trechos das entrevistas realizadas com os docentes.

Este trabalho está organizado em sete capítulos, incluindo esta introdução. No capítulo dois apresenta-se a justificativa da pesquisa, que trata do interesse pessoal no estudo, sua relevância e sua viabilidade. O capítulo três traz a revisão bibliográfica, na qual aborda-se os seguintes temas: alguns elementos históricos da EAD no Brasil, a expansão da EAD via Internet, os 20 por cento a distância em cursos superiores presenciais, os ambientes virtuais de aprendizagem, seus recursos e ferramentas, e os diferentes papéis dos professores na EAD. No capítulo quatro, discute-se o referencial teórico com as seguintes abordagens: memória social, memória individual e memória coletiva e os espaços de memória virtual. No capítulo cinco desenvolve-se a metodologia, com caráter exploratório e pesquisa de campo, a descrição do método de análise de dados e o percurso metodológico. No capítulo seis apresenta-se a análise dos dados coletados através das entrevistas temáticas com os docentes e as considerações finais, no capítulo sete.

³*Website*, também conhecido por *site* ou *home page*, corresponde a um conjunto de documentos, criados pela linguagem HTML, e apresentados na Internet, são gravados em servidores que permitem o acesso aos usuários.

2 JUSTIFICATIVA

Mesmo que a mudança da modalidade presencial para a EAD pareça um processo natural motivado pelo avanço das tecnologias, como toda a mudança, pode ter gerado uma série de sentimentos controversos nos educadores atuantes nas salas de aula presencial. De qualquer maneira, essa nova forma de ensinar exigiu não somente o domínio de novas tecnologias educacionais, mas também, e mais importante do que isso, novas práticas e atitudes por parte desses profissionais.

Assim, surgiu o objeto dessa pesquisa, conforme citado no capítulo 1: “a memória social como fonte de informação para identificar a trajetória de professores em atuação em cursos de graduação superior presencial, ao atuarem em cursos de graduação em EAD”, e será justificada através de três razões: o interesse pessoal no estudo, a sua relevância e a sua viabilidade.

Entendo ser pertinente apresentar meu interesse nesse estudo, através do relato sucinto das minhas aspirações em relação à EAD, minhas idas e vindas à vida acadêmica e minha trajetória profissional como docente na ULBRA - Universidade Luterana do Brasil.

O meu interesse pela EAD iniciou ainda quando eu morava na minha cidade natal, Bento Gonçalves/RS. Como trabalhava no horário da madrugada em uma empresa de processamento de dados, Cetil Sul Processamentos de Dados, normalmente quando chegava em casa, ligava a televisão e acompanhava os programas Tele Curso⁴. Com a aspiração de me tornar Engenheiro Civil e por na minha cidade não existirem Instituições que ofertassem tal curso superior, vislumbrava, no futuro, a possibilidade de realizá-lo a distância. Como essa modalidade chegou às Universidades muito tempo depois, no ano de 1992, mudei-me para Porto Alegre/RS, cidade onde resido até hoje, com a intenção de atingir tal objetivo. Esse processo não foi tão simples, pois tive que sair da empresa onde trabalhava há cerca de oito anos, deixando para trás o conforto do meu lar, o convívio diário com meus familiares e amigos e enfrentar novos desafios na Capital do Estado.

Já residindo em Porto Alegre e cursando Engenharia Civil, as economias foram escasseando e conseguir um estágio na área era difícil, o que me fez mudar os planos e fazer um novo vestibular para o curso de Bacharelado em Informática. Já no primeiro semestre, consegui um estágio de um ano no extinto Banco Meridional e, logo após, outro estágio na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, onde, após o término do contrato de

⁴Programas televisivos lançados em 1978 pela FRM (Fundação Roberto Marinho) exibidos pelas Organizações Globo, com o intuito de levar a EAD de forma massiva ao público brasileiro (Moreira, 2006).

estágio fui efetivado em um cargo em comissão permanecendo lá durante 12 anos. Nesse período, intercalei diversas vezes entre o afastamento e o retorno à vida acadêmica.

No ano de 2003, com o objetivo de confirmar a área que devia seguir, realizei o Curso Técnico em Informática, na Escola Alcides Maya. Com colegas de aula mais jovens e por já ter cursado algumas disciplinas na faculdade de informática, tinha mais facilidade em disciplinas como algoritmos e linguagens de programação. Durante as aulas, esses colegas me procuravam para explicar alguns exercícios passados pelos professores. Certo dia, o professor de uma disciplina me perguntou se eu já tinha pensado em seguir a carreira docente, pois conseguia expor de forma simples e de fácil compreensão os conteúdos para os meus colegas. Essa questão permaneceu na minha mente por um longo período.

Ao concluir o curso técnico, decidi retornar à Universidade, desta vez para cursar Matemática Aplicada à Informática, curso em que me graduei no final do ano de 2006. No ano seguinte, mais precisamente no dia 31 de janeiro de 2007, saí do meu emprego na Assembleia Legislativa do RS. No mês de março desse mesmo ano, iniciei o curso de Especialização em Educação a Distância no SENAC/RS, participei do e fui aprovado no processo seletivo para docência na ULBRA, mesma Universidade em que me graduei e na qual trabalho até hoje.

Inicialmente, fui designado a ministrar a disciplina de Instrumentalização Científica na modalidade de educação presencial. Ainda no primeiro semestre, como docente, fui indicado a ministrar a disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação no curso de Letras na modalidade EAD. Mesmo ainda cursando a Especialização em EAD e tendo realizado o Curso de Capacitação Docente para a EAD, ofertado pela própria Instituição, entrar em uma sala virtual, interagir com os alunos, me apropriar dos conteúdos e explicá-los somente através da escrita me causava muitas angústias, dúvidas e incertezas.

Embora apoiado por diversos materiais didáticos a respeito da EAD e pelo domínio das ferramentas tecnológicas, facilitado pela minha área de formação, foi na Sala de Tutoria, local em que os professores cumpriam seus plantões para atendimento aos alunos pelo chat, telefone ou presencialmente, que eu realmente aprendi e compreendi como atuar na EAD. Isso concretizou-se através das experiências e práticas que me foram passadas pelos professores mais antigos na casa.

Já no ano seguinte, fui convidado para integrar o Programa Permanente de Formação e Aperfeiçoamento de Professores para a EAD da ULBRA, com o objetivo de capacitar novos professores a utilizarem o Ambiente Virtual de Aprendizagem da Instituição e suas ferramentas tecnológicas. Como professor integrante desse Programa, viajei por diversas

cidades do nosso estado, como Lajeado, Santa Maria, Canela e Cachoeira do Sul e também do país, como Curitiba/PR, Socorro/SP, Lauro de Freitas/BA, Cuiabá/MT, Goiânia/GO e Ji-Paraná/RO.

Observei que, durante as minhas explicações, mesmo que os professores/aprendizes acompanhassem com atenção os assuntos abordados, demonstravam certa inquietação. Logo constatei que, na realidade, não era o domínio das ferramentas que os deixava mais apreensivos, mas sim como relacionar-se com os alunos na modalidade EAD. A partir dessa percepção, agreguei às minhas aulas, as experiências vivenciadas na EAD, falando sobre as boas práticas e técnicas que utilizava com meus alunos.

No ano de 2010, assumi o cargo de Coordenador do Laboratório de Práticas da Aprendizagem em EAD, cargo que ocupei até o final do ano de 2014. No ano de 2015 esse laboratório foi reformulado e passou a ser denominado Laboratório de Aprendizagem Virtual e passou a ser regido por uma equipe de quatro professores na qual me incluo. Esse Laboratório, além de comportar as Salas de Tutoria, é o local onde são estudadas as novas ferramentas a serem desenvolvidas e implementadas para o aperfeiçoamento do Ambiente Virtual de Aprendizagem próprio da Instituição e onde são organizados os Cursos de Formação Continuada em Serviço para os professores que atuam na modalidade EAD.

Ainda no ano de 2010, juntamente com a minha colega, Professora Patrícia Noll de Mattos, escrevemos um artigo sobre as ferramentas tecnológicas disponibilizadas na EAD e suas boas práticas com o título “Ambiente virtual de aprendizagem da ULBRA: NetAula” (2011, p. 121-127), publicado pela Editora da ULBRA no livro “Práticas Educativas e Vivências Pedagógicas no Ensino Superior”. Também nesse ano, fomos convidados a apresentar esse artigo no III Encontro de Formação Docente Continuada - Sala de aula: as interações pessoais e as tecnologias no intercâmbio dos saberes, para todo o corpo docente da Instituição no Campus Canoas. Em 2011, apresentamos o tema “Autoatendimento e Ambiente Virtual de Aprendizagem da Ulbra – NetAula”, no IV Encontro de Formação Docente Continuada - Gestão Compartilhada do Trabalho Pedagógico.

Ao longo do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, pesquisas e trabalhos realizados nas disciplinas cursadas, abordando temas relacionados à EAD e suas tecnologias, foram publicados e apresentados. O artigo “A Participação das Mulheres na Educação a Distância”, foi apresentado na sessão de pôsteres do 19º CIAED - Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, realizado de 09 a 12 de Setembro de 2013, em Salvador/BA. Escrito juntamente com as colegas Cássia Barbosa, Claudiane Furtado e Sheila Beatriz Ost, foi publicado na Revista Memória e Linguagens Culturais, pelo Unilasalle em 1º de julho de

2013 o artigo “Linkando o passado e o futuro: a evolução e as aplicações dos hipertextos”. O Projeto “Memórias e Histórias da Educação a Distância” foi aprovado para apresentação oral no Salão e Feira de Iniciação Científica – SEFIC 2013, no dia 22 de outubro de 2013, em Canoas/RS.

Com base na vivência descrita, resalto que meu interesse pessoal nessa pesquisa justifica-se por permitir a oportunidade de dialogar, ouvir, analisar e registrar as experiências vividas pelos professores, classe em que me insiro. Por entender que a trajetória desses profissionais entre a modalidade presencial e a modalidade EAD é muito rica em experiências, o registro dessas vivências profissionais pode ser bastante significativo para a realização de pesquisas e estudos futuros.

Destaco a relevância do tema pelo crescimento rápido e acelerado da EAD no Brasil, principalmente após sua implantação nas Instituições de Ensino Superior, pois a procura por essa modalidade vem aumentando significativamente ano a ano. Inclusive, conforme dados divulgados pelo Censo da Educação Superior 2013 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), enquanto em 2003 havia apenas 52 cursos a distância no Brasil, no ano de 2013 os cursos nessa modalidade já representam mais de 15% nas matrículas em cursos de graduação e ultrapassaram a marca de 1,2 mil cursos no país. (INEP, 2014).

A EAD vem sendo amplamente estudada no ambiente acadêmico. Muitos livros, estudos e artigos são publicados em relação às novas tecnologias, objetos de aprendizagem, metodologias, gestão, entre outros. Publicações relacionadas à história e às memórias da educação são facilmente encontradas, como por exemplo, na obra “Histórias e Memórias da Educação no Brasil”, organizada por Maria Helena Câmara Bastos e Maria Stephanou. A obra está organizada em três volumes, com mais de trinta artigos, escritos por cinquenta autores brasileiros e portugueses. Seu foco principal está na educação presencial, oferecendo princípios indispensáveis para apoiar as reflexões sobre a realidade escolar atual no país.

Em se tratando de EAD, Frederic Michael Litto e Marcos Maciel Formiga organizaram em dois volumes a obra “Educação a Distância: o estado da arte”. Nessa obra, são apresentados 109 artigos, escritos por diversos profissionais e especialistas da área, apresentando questões históricas, culturais, técnicas e pedagógicas da EAD.

No entanto, artigos e trabalhos acadêmicos relacionados às memórias narradas por docentes especificamente focados na EAD e delimitados ao Estado do Rio Grande do Sul não foram encontrados.

Assim, entendo que colher e registrar as memórias de professores que atuam e/ou atuaram na modalidade presencial e também na modalidade a distância no nosso estado, além

de projetar suas vozes e experiências no país, qualificará ainda mais a EAD, não somente no Rio Grande do Sul, mas também no Brasil e, quem sabe, no mundo. Acredito ainda que essa pesquisa auxiliará não somente os docentes em atividade, mas também os novos educadores nas suas jornadas profissionais e toda a comunidade que almeja realizar um curso superior com qualidade, sem necessariamente se deslocar para os grandes centros.

A viabilidade da pesquisa se dá inicialmente pela minha jornada acadêmica e profissional, que me propiciou uma boa rede de contatos com os profissionais da área da EAD não somente na Instituição em que eu atuo, como também em outras Instituições de Ensino Superior, o que facilita o contato com o público-alvo para realização das entrevistas.

Em relação ao tempo, acredito ser possível localizar os professores para realizar as entrevistas, pois os primeiros contatos já foram realizados, oportunizados pelo meu trânsito no meio acadêmico. Quanto à questão financeira, os gastos com a manutenção do domínio, da criação e atualização do *website*, deslocamentos necessários para realizar as entrevistas em outras cidades, materiais de escritório, diagramações, formatações, revisões, transcrições das entrevistas narrativas, a formatação, diagramação e arte final do material para publicação no *website* entre outros, serão arcados com recursos próprios. O principal meio de divulgação já vem sendo realizado através de uma página no *Facebook*⁵, criada em 17 de agosto de 2013. Desta forma, tal expediente não gerará despesas complementares.

⁵ *Facebook* é uma rede social lançada em 2004, cujo endereço de acesso é <http://facebook.com>.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Serão apresentados, através dessa revisão bibliográfica, os seguintes temas: alguns elementos históricos da EAD no Brasil, sua expansão via Internet, a legislação vigente, as Instituições de Ensino Superior Gaúchas e seus cursos de graduação superior ofertados na modalidade EAD, os 20% a distância ofertados em cursos superiores presenciais, os diferentes ambientes virtuais de aprendizagem (AVA's), seus recursos e ferramentas de apoio e os diferentes papéis dos professores que atuam nessa modalidade de ensino.

A escolha desses temas aconteceu por entender que, além de contribuir na argumentação teórica dessa investigação, irão auxiliar na construção do produto final deste projeto, o MemorialEAD, cuja missão é preservar o passado, vivenciar o presente e auxiliar na construção do futuro da EAD no Brasil.

É importante salientar que a seção 3.1 foi reproduzida na íntegra no produto final do mestrado, o *website* MemorialEAD, por entender que a mesma fundamenta e contextualiza as narrativas dos professores publicadas no mesmo.

3.1 Alguns elementos históricos da EAD no Brasil

A história da EAD pode ser dividida em gerações, caracterizadas pelas tecnologias de informação e da comunicação utilizadas e, dependendo dos autores, pode estar dividida em três ou cinco gerações.

Michael G. Moore e Greg Kearsley (2007) a classificam em cinco gerações: envio de materiais impressos via correios, difusão em programas radiofônicos e televisivos, computadores não ligados à rede, utilizada de modo mais considerável nas universidades abertas, utilização de recursos das telecomunicações transmitidos via satélite e, por fim, a geração mais recente de EAD, abarcando o ensino e a aprendizagem online, apoiada pelas tecnologias e pelo acesso à Internet.

Já Maria Luiza Belloni (2009), classifica a evolução da EAD em três gerações: materiais impressos enviados pelos correios, difusão em programas radiofônicos e televisivos e pelas inovações da Internet e da informática (BELLONI, 2009).

Essencialmente, a evolução da EAD passa pelas correspondências, rádio, televisão, satélites, computadores sem acesso à rede e à Internet, mas cada geração é registrada no tempo apenas pelo seu início, ao caracterizar o período de adoção inicial de um tipo de tecnologia. O início de uma nova geração não implica o abandono das tecnologias que

caracterizavam a geração anterior. Por exemplo, os materiais impressos ainda são exigências do MEC e coexistem com diversas tecnologias computacionais nos cursos de graduação a distância.

A EAD por correspondência iniciou no Brasil em 1904, com a instalação de Escolas Internacionais no país. A organização norte-americana, *International Correspondence Schools* (ICS) estruturou-se formalmente no Brasil com o objetivo de ofertar cursos por correspondência, impulsionada pela existência de meios de comunicação, os correios, e meios de transporte, as ferrovias. Tais cursos tinham como objetivo atingir pessoas com interesse, principalmente, na área do comércio e serviços (ALVES, 2009).

Para Michael Moore e Greg Kearsley (2007, p. 25),

[...] o histórico da educação a distância começa com os cursos de instrução que eram entregues pelo correio. Denominado usualmente estudo por correspondência, também era chamado de estudo em casa pelas primeiras escolas com fins lucrativos, e estudo independente pelas universidades.

O público-alvo desses cursos se constituía em 90 por cento de alunos homens, com o principal objetivo de adquirir novas habilidades e competências para poder aumentar a renda familiar e, se possível, atingir a independência econômica. Os cursos mais procurados por eles eram na área da eletricidade e, posteriormente, técnico em rádio e televisão. Os outros dez por cento dos alunos eram mulheres, que procuravam principalmente cursos de corte e costura, com o objetivo de auxiliar na economia doméstica (PALHARES, 2009).

Neste formato, é importante referenciar outras três instituições do Brasil: a Fundação do Instituto Monitor, escola pioneira em EAD no país, fundada em outubro de 1939 pelo húngaro Nicolás Goldemberg (INSTITUTO MONITOR, 2015). A Marinha Brasileira que, em dezembro do mesmo ano, iniciou a prática da EAD ofertando o Curso de Comando (CIAGA, 2015) e o Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941 e também considerado como um dos precursores em EAD no Brasil, utilizando basicamente material impresso (GUAREZI; MATOS, 2009).

Em 1923, a modalidade EAD deu um salto com o acesso aos programas de rádio. Através da iniciativa privada, foi fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o principal objetivo de levar a educação popular através das ondas do rádio. Por possuir um enorme alcance em termos geográficos e facilitar o acesso à informação por pessoas de baixa renda, mobilidade e baixo custo, o rádio impulsionou a EAD no país (MARTINS, 2005). Devido às suas particularidades tecnológicas, “a linguagem radiofônica tende a ser intimista,

sugestiva, simples, objetiva, direta e agradável. Quando explorada de forma criativa e consistente, pode favorecer a captação direta e compreensível de conteúdos interativos” (BIANCO, 2009, p. 57).

Edgard Roquette-Pinto (*apud* MARTINS, 2005), um dos pioneiros da radiodifusão e precursor da rádio educativa no Brasil, o definia da seguinte forma:

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado, pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil.

A partir desse momento, os programas ditos educativos proliferaram-se e refletiram não somente no Brasil, como em todo o continente americano (ALVES, 2009). Em 1937, a partir da criação do Serviço de Radiodifusão do MEC, vários programas foram sendo inseridos no Brasil, tais como: Escola Rádio Postal e a Voz da Profecia, seguidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Serviço Social do Comércio (SESC). Em 1946, os dois últimos, patrocinaram a Universidade do Ar que chegou ao alcance de 318 localidades, atendendo a 80 mil alunos (MARQUES, 2004).

Em 1959, a Igreja Católica criou escolas através do rádio, originando o Movimento de Educação de Base (MEB), consideradas um marco na EAD não formal no Brasil. No Rio Grande do Sul, estes cursos eram vinculados à Fundação Padre Landell de Moura. Projetos ligados ao Governo Federal, como o Mobral, atingiram e auxiliaram boa parte da população brasileira através do rádio. (ALVES, 2009).

Por não poderem ser utilizadas para fins comerciais e como uma única forma de se manterem ativas, muitas dessas estações de rádio de cunho educativo passaram a divulgar em suas grades de programação propagandas comerciais. Assim os programas de cunho educacional, passaram a ser utilizados pelas Rádios Educativas e Universitárias, seguindo rigidamente os horários estabelecidos pelo governo federal. Sob esse novo padrão, destacam-se o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Projeto Minerva (SOUZA, 2006).

Nas décadas de 60 e 70, entra neste cenário a televisão que teve vários incentivos no Brasil. Através do Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1967, foi determinado que as emissoras de televisão teriam que transmitir programas educacionais, bem como deveriam ser criados canais de televisão exclusivamente educativos. Dois anos mais tarde o Ministério das Comunicações definiu que as televisões comerciais cederiam espaços para programas com fins educacionais (ALVES, 2009). Surge então o Programa Nacional de Teleeducação –

Prontel que, inicialmente, utilizava o ensino por correspondência e passou a utilizar o rádio e a televisão. Em 12 anos o Programa, acumulou 1.403.105 matrículas, distribuídas em 40 cursos diferentes (MARQUES, 2004).

Segundo Pieranti (2007, p. 64),

[...] em 1971, as emissoras educativas, segundo dados oficiais, atingiam 94% da população brasileira. No ano seguinte, o Ministério da Educação reforçou a importância das emissoras ao criar o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), ao qual caberia coordenar as atividades de educação televisiva no país.

Outro projeto que utilizou a televisão como ferramenta foi o Projeto Saci, através de um convênio firmado entre o MEC e o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE). O projeto ofertou o antigo primeiro grau, via satélite, para 16 mil alunos do Rio Grande do Norte, contando com o apoio de sua Secretaria Estadual de Educação. Outros dois programas televisivos educacionais que merecem destaque por sua abrangência nacional foram o Canal Futura e os Telecursos da Fundação Roberto Marinho (BARRETO, 2009).

Logo no início da década de 90, o fato de as emissoras de televisão não terem mais obrigações em relação aos programas educativos causou um enorme retrocesso, porque os programas começaram a ser transmitidos em horários praticamente impossíveis de serem acompanhados pelo seu público-alvo (MARQUES, 2004).

A aprendizagem pelo computador sem conexão à rede deu-se basicamente através da utilização do CD-ROM⁶. Nele, as informações podem ser disponibilizadas de forma pedagógica, sequencial ou através de hipertextos⁷. Neste processo, o aluno realiza a interação diretamente com o material disponibilizado no dispositivo. Com a possibilidade de navegar no material, ele pode interligar ideias diferentes com a finalidade de construir de forma autônoma seu conhecimento. Embora esse processo seja bem empregado na disponibilização de informações, deixa a desejar no que se refere à construção do conhecimento, pois nessa última, a mediação e a interação entre professor e aprendiz praticamente inexistem (VALENTE, 2009).

⁶ O CD-ROM (*Compact Disc*) foi criado no ano de 1985, pelas empresas Sony e Philips, é um tipo de disco óptico com informações gravadas sem que o usuário possa alterá-las (MARÇULA; BENINI FILHO, 2007).

⁷ Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 1993, p. 33).

Com o surgimento da Internet e seus novos conceitos, como virtualidade, globalização, ciberespaço, cibercultura, tecnologias da informação e da comunicação, já apresentados na introdução dessa pesquisa, bem como a *World Wide Web*⁸ entre outros, a EAD passa a usufruir dessas tecnologias associadas.

Nesse contexto, os professores passaram a coabitar com seus alunos os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA's), com o apoio de ferramentas de mediação tecnológicas como: fóruns de discussão, *chats*, bibliotecas virtuais, correios eletrônicos, espaços *Wiki*, *web conferências*, entre outras, sem contar todo acervo de informações disponibilizado na Internet (VILAÇA, 2010). Além dessas ferramentas que possibilitam a interação entre eles, o professor, mesmo distante fisicamente de seus alunos, possui também ferramentas de gerenciamento, especialmente desenvolvidas para acompanhar o aprendizado de seus alunos. Esse acompanhamento pode ser realizado através de sistemas de alertas, relatórios, gráficos, entre outros, possibilitando, em alguns casos, o aumento da produtividade tanto do professor quanto dos alunos (TORI, 2010).

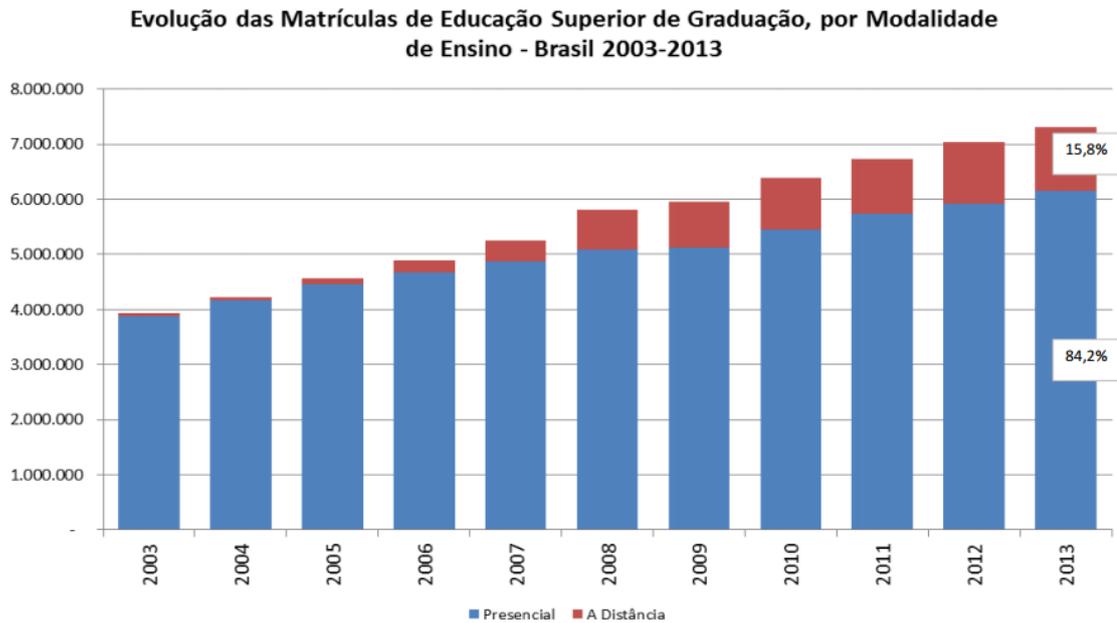
3.2 Expansão da EAD via Internet

Como o Brasil é um país geograficamente muito extenso, a educação mediada por tecnologias vem ganhando espaço, pois permite que um grande número de pessoas com objetivos comuns, espalhados por todas as suas regiões, possa ter acesso ao conhecimento com a facilidade de não ter que se deslocar para os grandes centros (SOUZA, 2010). Atento a isso, o Governo Federal, através do MEC, criou várias políticas públicas de incentivo à EAD com o intuito de ampliar a educação com qualidade. Entre esses projetos encontram-se o Projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB), o Projeto Escola Técnica Aberta do Brasil (e-TEC Brasil), o Plano Nacional de Conteúdos Educativos Digitais, entre outros.

A partir do ano 2000, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia do Governo Federal vinculada ao MEC, passou a coletar uma série de informações sobre os cursos presenciais e a distância ofertados no país, através do Censo da Educação Superior. Com base nos resultados apresentados no Censo de 2013, destaca-se o crescimento da EAD nos últimos dez anos, atingindo, no ano de 2013, 15,8 por cento das matrículas, conforme é apresentado na figura abaixo:

⁸ A *World Wide Web* (WWW) foi desenvolvida em 1989 e lançada em 1991 como um serviço para facilitar a apresentação de documentos acadêmicos armazenados em servidores da Internet (MARÇULA; BENINI FILHO, 2007, P.325)

Figura 1 – Evolução do Número de Matrículas por Modalidade de Educação – 2003-2013



Fonte: MEC/Inep

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, 2014.

O crescimento dos cursos regulamentados e totalmente ofertados a distância pelas Instituições de Ensino Superior ano de 2013 no Brasil, são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 1 – Cursos EAD regulamentados totalmente a distância oferecidos pelas instituições em 2013

ÁREA DO CONHECIMENTO	N. DE CURSOS	N. DE ALUNOS
Ciências Humanas (Educação Artes e outros)	523	152.187
Ciências Sociais (Direito, Economia, Administração e outros)	489	116.847
Engenharia (Civil, Elétrica, de Produção e outros)	46	20.375
Computação	51	15.840
Ciências Exatas (Matemática, Estatística e outros)	59	10.293
Ciências da Saúde (Medicina, Enfermagem e outros)	72	10.192
Ciências agrárias	19	4.563
Ciências Aplicadas e Tecnologia	75	19.426
Outros	182	79.947
Não informado	246	261.889
TOTAL	1.772	692.279

Fonte: Elaborado pelo autor em pesquisa CENSO.EAD.BR 2013 (2014).

Desde o surgimento da EAD no Brasil, a legislação brasileira passou por uma série de alterações. Em linhas gerais, pode-se sintetizar sua regulamentação no Brasil a partir da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e o Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta o artigo 80 da Lei n.º 9.394, que versa especificamente sobre as questões relacionadas à EAD. De acordo com o artigo 1º do Decreto n.º 5.622/05,

[...] caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

O artigo 26 do Decreto Nº 5773, de 9 de maio de 2006, estabelece que:

Art. 26. A oferta de educação a distância é sujeita a credenciamento específico, nos termos de regulamentação própria. § 1o O pedido observará os requisitos pertinentes ao credenciamento de instituições e será instruído pela Secretaria de Educação Superior ou pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, conforme o caso, com a colaboração da Secretaria de Educação a Distância. § 2o O pedido de credenciamento de instituição de educação superior para a oferta de educação a distância deve ser instruído com o comprovante do recolhimento da taxa de avaliação in loco e documentos referidos em regulamentação específica. § 3o Aplicam-se, no que couber, as disposições que regem o credenciamento e o credenciamento de instituições de educação superior (BRASIL, Decreto Nº 5773, de 9 de maio de 2006).

Através desses marcos regulatórios, oficializaram-se o credenciamento de IES junto ao MEC para a implantação de cursos de graduação em nível superior a distância no país.

Em pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas e Administração da Educação (IPAE), a partir dos pareceres do Conselho Nacional de Educação e Portarias do MEC, desde o início dos credenciamentos para programas de EAD em 1998 até o mês de abril de 2015, 267 IES foram credenciadas: 136 universidades, 41 centros universitários, 11 institutos federais de educação tecnológica e 79 faculdades e demais instituições. Mais especificamente no Rio Grande do Sul, o primeiro credenciamento ocorreu no ano de 2001 e, até o ano de 2015, 19 Instituições foram credenciadas, dentre as quais 5 federais e 14 privadas, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – IES credenciadas para programas de EAD no RS

ANO	INSTITUIÇÃO
2001	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*
2002	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul*
2003	Universidade Federal do Rio Grande do Sul* Universidade Vale do Rio dos Sinos*
2004	Universidade Luterana do Brasil* Universidade de Caxias do Sul* Universidade Federal de Santa Maria* Universidade FEEVALE* Universidade Federal de Pelotas*
2005	Universidade Federal do Rio Grande*
2006	Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas***
2007	Centro Universitário La Salle** Universidade de Santa Cruz do Sul*
2012	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões* Faculdade de Tecnologia TEC Brasil**** *Universidade de Passo Fundo Faculdade Cenecista de Osório****
2013	Centro Universitário UNIVATES** Centro Universitário Ritter dos Reis**

Fonte: Instituto de Pesquisas e Administração da Educação - IPAE (2015).

Legendas:

* – Universidades (13)

** – Centros Universitários (3)

*** – Institutos Federais de Educação Tecnológica (1)

**** – Faculdades (2)

A seguir, será apresentado um breve panorama dessas IES no ano de 2015 com as seguintes informações: cidade sede, oferta de cursos superiores de graduação em EAD e seus cursos, a quantidade de polos de apoio presencial e sua abrangência.

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - Porto Alegre - embora tenha sido a primeira IES credenciada no Estado e pioneira na implantação da EAD no Estado, não oferta cursos superiores de graduação na modalidade EAD.

2. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) – Ijuí - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Administração, Educação Física, Gestão Comercial, História e Processos Gerenciais. Possui 2 polos de apoio presencial, localizados na região nordeste do Estado, mais especificamente nas cidades de Ijuí e Santa Rosa.
3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Administração, Artes Visuais, Ciências Biológicas, Desenvolvimento Rural, Letras-Inglês, Matemática, Música e Pedagogia. Atua em 48 polos no Estado do Rio Grande do Sul e em outros estados como: Rondônia, Santa Catarina, Bahia e Espírito Santo.
4. Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - São Leopoldo - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Administração, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Ciências Contábeis, Comércio Exterior, Gestão Comercial, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Financeira, Logística, Pedagogia, Processos Gerenciais, Relações Públicas e Sistemas de Informação. Possui 7 polos de apoio presencial e abrange a região sul do Brasil, ou seja, os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
5. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Canoas - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Administração, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Física, Geografia, Gestão Ambiental, Gestão Financeira, Gestão da Produção Industrial, Gestão Pública, Gestão de Recursos Humanos, História, Letras-Português, Matemática, Negócios Imobiliários, Pedagogia, Processos Gerenciais, Serviço Social, Sistemas para a Internet e Teologia. Mantém 73 polos credenciados e sua abrangência é nacional, alcançando 20 estados no Brasil: Amazonas, Pará, Tocantins, Alagoas, Bahia, Ceará, Mato Grosso, Sergipe, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.
6. Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Caxias do Sul - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Biblioteconomia, Gestão Comercial, Marketing, Processos Gerenciais, Gestão de Recursos Humanos, Logística, Gestão Financeira, Gestão em Supermercados e Pedagogia. Possui 9 polos e basicamente abrange a região nordeste do estado, nas cidades de Canela, Caxias do Sul, Bento Gonçalves,

Guaporé, Vacaria e Veranópolis, e as cidades de São Sebastião do Caí e Porto Alegre.

7. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Santa Maria - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Administração Pública, Educação Especial, Formação de Professores para Educação Profissional, Licenciatura em Física, Licenciatura em Geografia, Letras-Espanhol/Literaturas, Letras-Português, Pedagogia, Licenciatura em Sociologia e Tecnólogo em Agricultura Familiar. Mantém 45 polos, abrangendo 4 estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Tocantins.
8. Universidade FEEVALE - Novo Hamburgo - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Gestão Pública, Logística, Processos Gerenciais e Gestão da Tecnologia da Informação. Não possui polos e atende basicamente a região do Vale dos Sinos.
9. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – Pelotas - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Pedagogia, Licenciatura em Espanhol, Educação do Campo e Licenciatura em Matemática. Possui mais de 40 polos de apoio presencial nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná.
10. Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Rio Grande - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Administração, Licenciatura em Ciências, Letras-Espanhol e Pedagogia. Possui 23 polos abrangendo os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.
11. Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET/RS) – Pelotas - oferta somente o curso superior em EAD de Tecnologia em Sistemas para Internet. Possui 12 campi em 11 municípios gaúchos, sendo que na cidade de Pelotas encontram-se 2 campi.
12. Centro Universitário La Salle (UNILASALLE) – Canoas - não oferta cursos superiores de graduação na modalidade EAD.
13. Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) - Santa Cruz do Sul - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Tecnólogo em Eventos, Gestão Comercial e Negócios Imobiliários. Possui cinco polos que abrangem as cidades gaúchas de Santa Cruz do Sul, Sobradinho, Venâncio Aires, Capão da Canoa e Montenegro.
14. A Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Erechim - não oferta cursos superiores de graduação na modalidade EAD.

15. Faculdade de Tecnologia TEC Brasil (FTEC)- Caxias do Sul - oferta somente o curso de graduação superior completo em EAD, Processos Gerenciais. Possui 4 polos abrangendo as cidades gaúchas de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Novo Hamburgo e Porto Alegre.
16. A Universidade de Passo Fundo (UPF) - Passo Fundo - não oferta cursos superiores de graduação na modalidade EAD.
17. Faculdade Cenecista de Osório (FACOS) – Osório - cursos superiores de graduação ofertados em EAD: Gestão de Recursos Humanos, Pedagogia, Processos Gerenciais e Teologia. Mantém 35 polos e abrange os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santos, Piauí, Pernambuco e Ceará.
18. O Centro Universitário UNIVATES – Lajeado - não oferta cursos superiores de graduação na modalidade EAD.
19. O Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER) - Porto Alegre - não oferta cursos superiores de graduação na modalidade EAD.

A tabela abaixo apresenta a situação atual das IES credenciadas pelo MEC no Estado do Rio Grande do Sul para oferta de cursos em EAD em relação à sua oferta.

Tabela 1 – Situação em 2014 das IES no RS e a oferta de cursos superiores em EAD

DESCRIÇÃO	NÚMERO	INSTITUIÇÕES
IES Privadas com oferta de cursos superiores em EAD	8	UNIJUI UNISINOS ULBRA UCS FEEVALE UNISC FTEC FACOS
IES Privadas sem oferta de cursos superiores em EAD	6	PUCRS UNILASALLE URI

		UPF UNIVATES UNIRITTER
IES Federais com oferta de cursos superiores em EAD	5	UFRGS UFSM UFPEL FURG CEFET/RS

Fonte: Elaborado pelo autor em pesquisa aos *website* do IPAE (2015).

Cabe ressaltar que as IES federais, seguem o modelo e a estrutura da Universidade do Brasil (UAB). Segundo Mota (2009, p. 300),

[...] o Sistema UAB foi oficializado pelo decreto nº 5800, de 8 de junho de 2006, destacando a articulação e integração de instituições de ensino superior, municípios e estados, visando à democratização, expansão e interiorização da oferta de ensino superior público e gratuito no país, bem como ao desenvolvimento de pesquisa e de metodologias inovadoras no ensino, principalmente na área de formação inicial e continuada de professores da educação básica.

Outros cursos foram implantados pela UAB, como por exemplo, o curso de Administração que, já no seu início, realizou parceria com 25 instituições públicas, 18 instituições federais e 7 instituições estaduais de ensino superior em 18 estados do país. Essas instituições contam com a estrutura acadêmico-administrativa e pedagógica da UAB, inclusive com o ambiente virtual de aprendizagem, o *Moodle*, e os polos de apoio presencial.

O polo de apoio presencial é definido como “uma estrutura descentralizada de algumas funções didático-administrativas de curso, consórcio, rede ou sistema de EAD, geralmente organizada com o concurso de diversas instituições, bem como com o apoio dos governos municipais e estaduais” (MOTA, 2009, p. 301).

3.3 20% a distância em cursos superiores presenciais

Faz-se necessário discorrer sobre a oferta de 20 por cento a distância em cursos presenciais, facultados por lei, pois existem pessoas que confundem essa prática com a oferta dos cursos totalmente a distância. Esses 20 por cento foram regulamentados pela Portaria do Ministério da Educação nº 4059, de 10 de dezembro de 2004, que em seu artigo 1º diz:

Art. 1º. As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semipresencial, com base no art. 81 da Lei 9.394, de 1996, e no disposto nesta Portaria (BRASIL, 2004, Portaria 4.059 - MEC).

E no parágrafo 1º deste artigo, estabelece que esses 20 por cento possam ser ofertados na modalidade a distância:

§ 1º. Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semipresencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino e aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota (BRASIL, 2004, Portaria 4.059 - MEC).

Essa implantação significa utilizar 20 por cento da carga horário total de um curso em atividades-semipresenciais, ou mesmo, em disciplinas ofertadas completamente a distância, possibilitando ao aluno e ao professor desenvolverem seus trabalhos em tempos e espaços diferenciados (CARLINI, TARCIA, 2009).

Com isso, muitas Instituições de Ensino Superior credenciadas para oferta de cursos completos a distância implantaram este recurso, antes ou após a obtenção do credenciamento, disponibilizando 20 por cento da carga horária dos seus cursos em disciplinas na modalidade EAD, como uma estratégia para conhecer, estudar, analisar a modalidade e posteriormente ofertar cursos totalmente a distância. Isso fez com que muitos professores, ao realizarem a transição da modalidade presencial para a educação a distância, fizessem isso nessa modalidade também chamada de semipresencial.

Para alguns professores, essa nova realidade causou certa aversão à modalidade a distância, pois entenderam que as tecnologias logo tomariam seus lugares, o que só pode ocorrer se o professor continuar mantendo sua postura de transmissor do conhecimento. Nesse caso as tecnologias conseguirão fazer o seu papel de forma mais atrativa e dinâmica (CARLINI, TARCIA, 2009).

O professor que atua na educação a distância precisa, inicialmente, se apropriar das tecnologias disponibilizadas nos ambientes virtuais de aprendizagem e pensar em nas melhores formas de utilizá-las para atingir bons resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Cabe salientar aqui que, nesse caso, a educação a distância não vem com o intuito de substituir a educação presencial, pois cada modalidade apresenta suas peculiaridades e cabe

ao professor selecionar a modalidade mais indicada para desenvolver o seu trabalho em determinada disciplina.

No Decreto 5.622, em seu artigo primeiro, parágrafo 1º, estão determinados momentos presenciais entre o professor e seus alunos, em determinados momentos cujas atividades não podem ser realizadas a distância:

§ 1º. A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I – avaliações de estudantes;

II – estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III – defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação vigente; e

IV – atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (BRASIL, 2005, Decreto 5.622, MEC).

A tabela abaixo apresenta a distribuição geográfica do número de disciplinas de cursos presenciais ofertadas na modalidade a distância, como parte dos 20 por cento permitidos por Lei, nos cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior.

Tabela 3 – Distribuição geográfica do número de disciplinas EAD em cursos superiores

GRADUAÇÃO	Norte	Nordeste	Centro- Oeste	Sudeste	Sul
Bacharelado	0	55	9	853	455
Licenciatura	0	17	81	64	119
Bacharelado/Licenciatura	0	618	45	24	306
Tecnológico	0	1	10	655	135
Total	0	691	145	1.596	1.015

Fonte: Elaborado pelo autor em pesquisa CENSO.EAD.BR 2013 (2014).

3.4 Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Os *Learning Management Systems* (LMS), Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem, que também podem ser chamados por *Course Management System* (CMS), Sistema de Gerenciamento de Conteúdos ou *Learning Course Management System* (LCMS), Sistema de Gerenciamento de Conteúdos e Aprendizagem, surgiram com a expansão da Internet e das TIC's. São mais referenciados na literatura nacional como Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA's) (MATTAR, 2011).

Segundo Almeida et al. (2001, p. 6),

Ambientes virtuais de aprendizagem são cenários que habitam o ciberespaço e envolvem interfaces que favorecem a interação de aprendizes. Inclui ferramentas para atuação autônoma, oferecendo recursos para aprendizagem coletiva e individual. O foco desse ambiente é a aprendizagem. Não é suficiente “escrever páginas”, é preciso programar interações, reflexões e estabelecer relações que conduzam à reconstrução de conceitos.

Desde seu surgimento na década de 90, os estudos e o desenvolvimento dos AVA's têm sido intensificados, principalmente pela adesão das instituições de ensino, sendo utilizados em cursos a distância, cursos híbridos, de extensão ou como apoio a atividades presenciais (TORI, 2010). Sejam através de suas potencialidades de gerenciamento, mediações, interações, possibilidades de construção coletiva e colaborativa do conhecimento, compartilhamentos, disponibilização de informações em vários formatos, entre outros, o número de empresas focadas no desenvolvimento de sistemas para a EAD vem evoluindo no Brasil (SILVA, 2013).

Esse crescimento pode ser constatado através dos dados apresentados no Censo EAD.BR 2013, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED). Conforme esses dados, no ano de 2010, 31 instituições se apresentaram como fornecedoras de sistemas para a EAD. Conforme apresentado na tabela abaixo, no ano de 2013, 59 instituições se apresentaram dessa forma (ABED, 2014).

Tabela 4 – Distribuição das empresas fornecedoras de produtos e serviços de EAD, em 2013, segundo sua localização geográfica

Região	Quantidade	Porcentagem
Centro-Oeste	7	12%
Nordeste	6	10%
Sul	13	22%
Sudeste	33	56%
Total	59	100%

Fonte: Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED (2014).

A principal forma de negociação entre as empresas desenvolvedoras e as instituições interessadas na aquisição desses ambientes é realizada através de contratos de cessão anual, cujo custo, qualidade e suporte variam pelo porte, status e número de alunos que os utilizam (TORI, 2010). Além das empresas desenvolvedoras, existem os ambientes gratuitos, que são *softwares* de código aberto, disponibilizados livremente na Internet. O Brasil apresenta ainda instituições que utilizam seus próprios ambientes virtuais de aprendizagem, desenvolvidos pelos seus Setores de Tecnologias da Informação (TI).

Entre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem comercializados encontra-se o *Blackboard*, desenvolvido e comercializado pela empresa de mesmo nome, criada em 1997 e com sede nos Estados Unidos. É considerada uma das maiores empresas na área da educação no mundo, com números superiores a 30 milhões de clientes, atendendo cerca de 70 por cento das maiores universidades atualmente. Seus principais recursos, além dos administrativos e gerenciais, como o controle sobre as matrículas dos alunos, autenticação, segurança, entre outros, o *Blackboard* apresenta, ainda, customização, correio eletrônico, fóruns, calendários e acompanhamento, autoaprendizado, portfólio, trabalho *off-line*, trabalhos em grupo, rastreamento dos alunos e *whiteboard* (TORI, 2010).

Ainda como ambientes virtuais de aprendizagem comerciais podem ser referenciados o *Desire2Learn* e o *eCollege*. No Brasil, o *WebAula* e o Portal Educação são exemplos de AVA's comercializados (MATTAR, 2011).

Em relação aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem livres, difundidos no Brasil, encontra-se o *Moodle* (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), o *TelEduc*, o *Sakai* e o *AulaNet*.

O *Moodle* foi criado por Martin Dougiamas, em sua tese de doutorado em Ciência da Computação na Universidade de Curtin, Austrália (TORI, 2010). Segundo Mattar, “o *Moodle*, criado em 2001, tornou-se uma escolha muito comum nos últimos anos. No Brasil, seu uso foi reforçado pelo fato de a Universidade Aberta do Brasil (UAB) adotá-lo” (2011, p.10). Além disso, diversos cursos sobre o *Moodle* são ofertados a distância e seus usuários contam com suporte técnico disponibilizado por suas comunidades *online* (MATTAR, 2011). Esse ambiente virtual de aprendizagem tornou-se tão popular no país, que muitos provedores de hospedagem de páginas na Internet possibilitam sua instalação de forma simples e rápida.

Tal serviço permitiu a muitos educadores terem seus próprios ambientes virtuais, utilizando-o no auxílio aos seus próprios alunos, ou mesmo, ofertando cursos livres a distância. O *Moodle* apresenta as principais ferramentas educacionais de um ambiente virtual

de aprendizagem e, como é desenvolvido de forma comunitária, novos módulos são avaliados e testados diariamente por sua equipe de desenvolvimento (TORI, 2010).

O *TelEduc* é um ambiente virtual desenvolvido no Brasil, pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) e pelo Instituto de Computação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui uma interface baseada na web e seus principais recursos, além de gerenciais, são: agenda, avaliações, material de apoio, leituras, perguntas frequentes, enquetes, mural, fóruns, bate-papo, grupos, portfólio, acessos entre outros (TORI, 2010).

O *AulaNet*, desenvolvido pelo Departamento de Informática da PUC-RJ, pode ser baixado gratuitamente da Internet, inclusive para fins comerciais. Conta com o suporte e serviços de uma empresa, a *EduWeb*. O *Sloode* (*Simulation Linked Object Oriented Dynamic Learning Environment*) é um projeto que permite a composição do ambiente através da integração do *Moodle* com o *3D Second Life*⁹. E, para finalizar a categoria de AVA's livres, existe o Projeto *Sakai*, que vem crescendo consideravelmente, pois, além de ter o código aberto, oportuniza o gerenciamento de cursos livres. Para isso, disponibiliza ferramentas para apoiar professores e alunos em seus trabalhos de forma colaborativa. O Projeto *Sakai* mantém comunidades de apoio e suporte na rede e possui parceiros institucionais e comerciais no Brasil (MATTAR, 2011).

No Brasil, entre os Ambientes de Virtuais de Aprendizagem utilizados pelas Instituições de Ensino Superior no ano de 2013, ainda se destacam as plataformas gratuitas e livres, conforme apresentado na tabela abaixo:

Tabela 5 – Características dos AVA's utilizados pelas IES em 2013

Ambiente Virtual de Aprendizagem	Número
Próprio	48
Plataforma comercial locada e customizada pela Instituição	15
Plataforma comercial locada e customizada por terceiros	28
Plataforma gratuita e livre customizada pela Instituição	126
Plataforma gratuita e livre customizada por terceiros	25
Outros	2
TOTAL	244

Fonte: Elaborado pelo autor em pesquisa CENSO.EAD.BR 2013 (2014).

⁹ O *Second Life* é um mundo virtual, com características tridimensionais, que possibilita a interação em tempo real entre seus utilizadores.

No quadro abaixo, são apresentadas as oito Instituições de Ensino Superior privadas que ofertam cursos superiores de graduação na modalidade EAD e os AVA's utilizados. Seis utilizam a Plataforma Livre *Moodle*, uma utiliza o AVA Comercial *Blackboard* e uma utiliza um AVA próprio, desenvolvido pelo Setor de TI da Instituição. Conforme citado anteriormente, todas as IES Federais adotam o ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* como padrão na Universidade Aberta do Brasil.

Quadro 2 – AVA's utilizados pelas IES privadas credenciadas no RS com oferta de cursos superiores em EAD no ano de 2014

INSTITUIÇÃO	AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Software livre – <i>Moodle</i>
Universidade Vale do Rio dos Sinos	Software livre – <i>Moodle</i>
Universidade Luterana do Brasil	Software próprio – <i>NetAula</i>
Universidade de Caxias do Sul	Software livre – <i>Moodle</i>
Universidade FEEVALE	Software comercial - <i>Blackboard</i>
Universidade de Santa Cruz do Sul	Software livre – <i>Moodle</i>
Faculdade de Tecnologia TEC Brasil	Software livre – <i>Moodle</i>
Faculdade Cenecista de Osório	Software livre – <i>Moodle</i>

Fonte: Elaborado pelo autor em pesquisa aos *websites* das IES (2014).

3.5 Recursos e ferramentas dos AVA's

Nesta seção, serão abordados os principais recursos e ferramentas utilizados pelos professores das Instituições de Ensino Superior no ano de 2013, baseado nos resultados da pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED.

Tabela 2 – Recursos e ferramentas dos AVA’s utilizados nas IES participantes do CENSO.EAD.BR 2013

RECURSOS E FERRAMENTAS	UTILIZAÇÃO FORMADORA
Atividades interativas corrigidas <i>online</i>	191
Ferramentas de <i>chat</i>	171
Ferramenta de fórum	204
Ferramenta <i>Wiki</i>	106
<i>E-mail</i> (Correio eletrônico)	204
Materiais complementares em <i>DVD</i>	63
Outros	40
Total	979

Fonte: Elaborado pelo autor em pesquisa CENSO.EAD.BR 2013 (2014).

A maior parte das Instituições de Ensino Superior utiliza principalmente o fórum e o *e-mail* seguidos das atividades interativas corrigidas *online* e ferramentas de *chat*.

Os fóruns de discussão são ferramentas assíncronas, ou seja, não acontecem em tempo real. Normalmente o professor elabora algum tópico para discussão e os alunos vão respondendo no seu tempo. O professor deve acompanhar e mediar as discussões, enviando *feedbacks* sempre que julgar necessário. Uma característica interessante do fórum é que toda a turma, ou seja, todos os integrantes do grupo podem ler as contribuições dos seus professores, tutores e dos demais colegas.

O *e-mail* ou mensagens também são ferramentas assíncronas muito utilizadas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, como forma de mandar avisos ou comunicações individualizadas.

As atividades interativas corrigidas *online* são atividades desenvolvidas pelo professor como uma forma de acompanhamento do aprendizado dos seus alunos. Normalmente, o sistema as corrige automaticamente e o professor pode utilizar questões objetivas, de múltipla escolha e associativas. Existem também ferramentas para envio de arquivos ou para escrita de textos online que permitem ao professor avaliar individualmente cada aluno, essas últimas também denominadas de questões dissertativas ou discursivas.

O *chat* ou bate-papo é uma ferramenta síncrona, ou seja, todos os participantes estão *online* ao mesmo tempo, permitindo uma discussão mais ativa dos conteúdos da disciplina.

Para que esta ferramenta atinja seus objetivos, o professor deve, antes de utilizá-la, estipular regras bem claras de sua utilização e evidenciar seus objetivos relacionados à aprendizagem.

A Ferramenta *Wiki* é uma opção para a realização de trabalhos em grupo e de forma colaborativa, através da qual os alunos podem construir textos e trabalhos juntos, pois permite a edição de documentos por mais de um aluno (um mesmo texto para toda a turma ou por grupo de trabalho).

Os materiais complementares em DVD vêm sendo substituídos por materiais *online*, ou seja, materiais como videoaulas, livros, materiais complementares disponibilizados diretamente nas Bibliotecas dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Além dessas ferramentas e recursos listados pelo CENSO.EAD.BR 2013 existem várias outras ferramentas sendo utilizadas, como *web conferências*, objetos de aprendizagem, *whiteboards*¹⁰, *digitalizing tablet*¹¹, entre outros.

3.6 Os diferentes papéis do professor na EAD

Ainda que as demandas dos professores da EAD requeiram o mesmo papel dos professores da educação presencial, ou seja, mediar seus alunos no processo de aprendizagem, as mesmas requerem atuações distintas entre as apresentadas nas salas de aula tradicionais e nas virtuais. Na EAD, o professor conduz o aprendizado através de interações mediadas por novos meios de informação e comunicação e, além de observar a autonomia do aluno no processo de aprendizagem, deve, constantemente, orientar e supervisionar tal processo (TORI, 2010).

Sob essa ótica, um professor com excelente atuação na modalidade presencial, pode não ter o mesmo resultado na EAD, não necessariamente pela dificuldade com o domínio das tecnologias, mas sim pela dificuldade na mediação através delas no processo de aprendizagem do aluno. Atividades como despertar o interesse de seus alunos, manter sua atenção, apoiá-los no desenvolvimento de suas responsabilidades e conscientizá-los em relação à importância da autonomia nos estudos, torna-se um trabalho complexo para alguns professores. Essas atividades diferenciadas exigem uma nova postura profissional por parte do professor (CORTELAZZO, 2008).

¹⁰ *Whiteboards* são *softwares* que permitem a vários usuários de uma determinada rede trabalhar juntos em um documento único que é visualizado nas telas dos computadores de todos os usuários ao mesmo tempo, como se todos estivessem trabalhando em um mesmo quadro físico.

¹¹ As *Digitalizing Tablets* ou mesas digitalizadoras são utilizadas para desenhar ou transmitir para o computador desenhos prontos (MARÇULA; BENINI FILHO, 2007, p.143).

Conforme os “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, constituem-se atribuições do professor:

a) estabelecer os fundamentos teóricos do projeto; b) selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas; c) identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes; d) definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares; e) elaborar o material didático para programas a distância; f) realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes; g) avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância (BRASIL, 2007, p. 20).

Cabe aqui destacar que não é somente um professor que participa da estrutura pedagógica em cursos,

[...] na modalidade a distância, dependendo do curso, existem diferentes sujeitos atuantes, entre eles, o professor conteudista, o professor, o tutor (virtual e presencial), o *web designer*, o técnico em informática, o responsável pelo ambiente virtual de aprendizagem (AVA), entre outros, além da equipe de coordenação e secretaria (GRÜTZMANN, 2013, p.222).

O professor conteudista é o responsável pela construção do material didático das disciplinas aderentes a sua área do conhecimento. Esse professor conta com todo o apoio e suporte das equipes de *web designers* e técnicos em informática no que diz respeito à produção de materiais em diferentes tecnologias educacionais (CORDEIRO, ROSA, FREITAS, 2006).

Além do papel dos professores e dos professores conteudistas, cabe mencionar o papel dos tutores, virtual e presencial. O tutor virtual é aquele que atua na sede da IES auxiliando o professor na mediação através do ambiente virtual de aprendizagem com os alunos e tem como principais atribuições o esclarecimento das dúvidas dos alunos, seja através dos fóruns, *chats*, telefone ou mesmo *web conferência*. Também tem a função de promover a participação dos alunos no ambiente e, dependendo do projeto pedagógico do curso, pode participar do processo avaliativo.

O tutor presencial atua presencialmente nos Polos de Apoio Presencial com os alunos, auxiliando-os, presencialmente, nas atividades propostas por seus professores, sejam individuais ou em grupo. Também incentiva os alunos à pesquisa, esclarece dúvidas sobre as ferramentas tecnológicas e participa das atividades presenciais, como aulas em laboratório e aplicação de provas, entre outras.

O surgimento da *Web 2.0* e suas novas mudanças tecnológicas “permite que qualquer pessoa se torne autor de conteúdo e integre uma “inteligência coletiva”; aprender fazendo, aprender com os colegas ou aprender em rede são algumas das possibilidades pedagógicas propiciadas por tais ferramentas” (TORI, 2010, p.21). Torna-se necessário então rever o papel do professor da EAD em geral. O professor, que no passado era considerado o único detentor do conhecimento, precisa estar ciente de que seus alunos têm acesso a diversas fontes de pesquisa virtuais. Assim, os professores, atualmente, principalmente os que atuam na EAD, devem ter ciência de que não é sua função ser um mero transmissor de informação, mas assumir o importante papel de mediador ao orientar seus alunos na busca por métodos e fundamentos relacionados à pesquisa e organização das informações disponibilizadas na rede, para que cada aluno possa efetivamente construir seus próprios conhecimentos (TARCIA; CABRAL, 2012).

Neste processo de autonomia do aluno na construção do conhecimento, a mediação e a interação entre professor e aluno devem estar em constante evolução e sinergia. A mediação constitui-se na intervenção de um agente intermediário em uma relação. Assim, a relação deixa de ser propriamente direta e passa a ser mediada por esse agente. Na Educação a Distância, a “mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem acontece com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL, 2005, Decreto 5.622).

Através da mediação, nesse caso realizada através de instrumentos tecnológicos e pela escrita ou fala, é oportunizada a comunicação, emissão e recepção, de forma individual e coletiva. Assim ocorrem as interações, cujas informações podem ser registradas no ambiente virtual e acessadas por qualquer membro integrante daquele grupo, ou turma, a qualquer momento. Desse modo, “a inteligência coletiva é alimentada pela conexão da própria comunidade na colaboração todos-todos. Essa é uma das características fundamentais do ciberespaço” (SANTOS, 2003, p. 10).

Logo, um ambiente virtual de aprendizagem se configura através das trocas entre seus integrantes, ou seja, da coletividade, pois se constituem em espaços que permitem que os elementos do grupo, mesmo que separados e distantes fisicamente, mantenham diálogos de forma síncrona e assíncrona, através de interações entre professores-alunos e alunos-alunos. Essas interações são realizadas pelos seus integrantes e podem ser classificadas de duas formas: interação mútua, que conta com a participação e criação ativa por parte de todo o

grupo e interação reativa, que não estimula a criação e o diálogo entre seus agentes de comunicação (PRIMO, 2003).

Através das interações, cada integrante do grupo pode se expressar livremente, analisar o que foi escrito pelos demais componentes, desenvolver competências, habilidades e construir, de forma coletiva e colaborativa, novos conhecimentos. Assim, “por intermédio de mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos, pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo” (LÉVY, 1998, p. 96).

Esses espaços virtuais possibilitam trabalhar nossas memórias e projetos através das trocas coletivas, fortalecendo a ideia de inteligência coletiva, que é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003, p. 28). Com isso, o autor diz que não existe um único repositório ou indivíduo que centralize todo o conhecimento do mundo, mas sim existe um mundo cheio de indivíduos detentores de ao menos algum tipo de saber.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A revisão bibliográfica, já realizada, apresenta subsídios que apoiam a pesquisa de campo, que será realizada através de entrevistas narrativas com professores, com experiência na atuação em cursos de graduação superior presencial, ao atuarem na modalidade a distância em IES privadas do RS.

Nesse contexto, o referencial teórico aborda temas relacionados à memória social, focando, principalmente, naqueles que deram suporte na construção deste trabalho.

Torna-se importante, então, neste referencial teórico, sistematizar e analisar alguns conceitos como a memória social, a memória individual e a memória coletiva, os espaços de memória virtuais, que serão utilizados e empregados ao longo deste projeto.

4.1 A memória social

No contexto de memória social, levaremos em conta Gondar (2005). A autora descreve a dificuldade em reconhecer uma resposta única e definitiva para este conceito, pois entende que há diferentes maneiras de compreendê-lo.

Gondar (2005) apresenta a memória social como transdisciplinar, ou seja, nela existem vários centros de direção e discussão, sob duas linhas: a primeira, que admite à memória inúmeros significados e a segunda, que admite à memória uma infinidade de signos, simbólicos, icônicos e indiciais, os quais podem dar suporte na construção de uma memória.

Na segunda proposição, a autora encara o conceito de memória social como sendo ético e político, que trata da memória social em sua relação com os saberes e discursos, trabalhando-a na sua área de atuação, e afirma que um conceito não deve ser confundido apenas com uma ideia. Para Gondar, “é sobre isso que versa nossa segunda proposição: memória social é um conceito eminentemente ético e político. Temos aqui outro ponto capaz de trazer um complicador quanto à questão das diversificações que a memória comporta” (2005, p. 16). E nesse mesmo texto critica as posições dos teóricos Halbwachs e Foucault, da seguinte forma:

Pensar a memória como uma reconstrução racional do passado, erigida com bases sociais bem definidas e delimitadas, como fez Halbwachs, leva-nos a um tipo de posicionamento político; em contrapartida que a memória é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como um foco de resistência no seio das relações de poder, como propôs Foucault, implica outra ética e outra posição política. [...] Não se pode situar em planos semelhantes à proposta ética de Halbwachs, na qual a memória serve para a manutenção dos valores de um

grupo, e uma abordagem em que a memória se torna um instrumento privilegiado de transformação social (GONDAR, 2005, p.16).

A memória social também é apontada como uma construção social, onde a autora vê a memória como uma construção e uma reconstrução do passado, baseadas nas perguntas que nos fazemos. Nessas mesmas perguntas, as respostas dizem mais a respeito de nós mesmos, da nossa óptica, entendimento, horizontes e da vivacidade do que passou. Essa memória tem uma história que se concebe no final do século XIX, e “é apenas nesse período, bastante recente na história do pensamento, que os homens admitiram que a memória é algo que eles constroem a partir de suas relações sociais – e não a verdade do que se passou ou do que é” (GONDAR, 2005, p.18).

Gondar coloca ainda que a memória não se reproduz à representação. A autora afirma que é natural entender que uma sociedade se representa pela sua memória social, ou seja, pelo encadeamento do seu passado com seu presente. Conseqüentemente, os indivíduos e suas relações se originam e se organizam. E assim se configura que “o campo da memória é o campo das representações coletivas” (GONDAR, 2005, p.18).

Gondar diz que a memória “é bem mais do que um conjunto de representações; ela exerce também, em esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras” (GONDAR, 2005, p. 24).

Para Gondar (2005, p. 24-25),

A memória deixa de se reduzir aos axiomas da representação e da generalidade abstrata para se articular àquilo que nos afeta, que nos surpreende, que nos permite apostar em um outro campo de possíveis. E se tivéssemos que, em uma palavra, resumir o que na memória não se reduz à representação, diríamos: afeto, ou melhor, forças que nos afetam, e também forças pelas quais afetamos.

A autora conclui seu texto afirmando que interpretar a memória como um processo, não omite as representações coletivas, mas sim, inclui a descoberta e a criação de algo novo, pois não é concebível a memória sem a criação, pois a memória sem a criação perderia grande parte do seu significado.

4.2 Memória individual e memória coletiva

As memórias trazem consigo as reminiscências, ou seja, as lembranças do que já passou que apontam no momento presente de cada indivíduo e também trazem a experiência de buscar informações relacionadas a acontecimentos passados, ou seja, no presente fazem-se

releituras do passado. Nesse contexto, são apresentados os estudos de Maurice Halbwachs, já que, no seu discurso, entende que as memórias perpassam a individualidade de cada pessoa, pois considera que as memórias nunca são isoladas, ou seja, em separado da sociedade. Assim, para o autor, as memórias são criações de grupos sociais, que determinam o que deve ou não ser resguardado (HALBWACHS, 2006).

Halbwachs foi um dos pioneiros nos estudos da memória individual e memória coletiva e reconhece a dificuldade na distinção entre ambas. A base de seus estudos é de que as memórias, mesmo que pareçam ser individuais, são constituídas através das experiências e vivências baseadas nas diversas relações interpessoais mantidas e nos diferentes ambientes percorridos. Sendo assim, baseia-se na memória coletiva. Segundo o autor, a nossa memória é apoiada na dos outros. Através dessa prática, nos asseguramos de sua confiabilidade e credibilidade, como se “uma mesma experiência não fosse recomeçada pela mesma pessoa, mas por muitas” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Halbwachs entende que a memória social se caracteriza através de associações, pois nossas lembranças estão vinculadas a eventos, cenas e pensamentos que nos atrelam a outros indivíduos e/ou grupos de indivíduos. Já a memória individual e a memória coletiva mantêm uma comunicação intensa, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória coletiva perdura no tempo baseada nos grupos, pois é lembrada de formas diferentes por cada um de seus integrantes. A união dessas memórias, baseadas umas nas outras e constituídas com graus de importância diferentes, é que reforça a ideia de memória coletiva, pois é lembrada de formas diferentes por cada um de seus integrantes.

Para Ricoeur (2007, p. 131),

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem.

Com o exposto, pode-se dizer que a memória coletiva não deve ser entendida simplesmente pela conjunção de memórias individuais e memórias coletivas, é composta também pelos diferentes significados que surgem através de suas relações com as pessoas e com o mundo. Assim, a memória coletiva concretiza-se em um processo social, onde os indivíduos não vivem isolados em si, mas sim integrando grupos, através de relações, comunicações, trocas, compartilhamentos, ou seja, convivendo em sociedade no decorrer de suas vidas.

Segundo Halbwachs (2006, p. 31),

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estivesse sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo, o que eu compunha com o arquiteto e com as pessoas a quem ele servia de intérprete junto a mim, ou com o pintor (e seu grupo), com o geômetra que desenhou o mapa, com um romancista. Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo.

Nesse contexto, o autor, ao discorrer sobre a memória, entende que a memória individual nada mais é do que a subjetividade das lembranças de cada indivíduo e que se apoia na memória coletiva, pois aquela se estabelece em contatos realizados com os demais grupos, pelo simples fato do indivíduo ser um sujeito social e ser influenciável. Tais lembranças, para serem evocadas, precisam dos testemunhos, sejam eles de um indivíduo apenas ou de um determinado grupo que as vivenciou e quanto mais indivíduos recordarem, mais exatas serão essas lembranças. Assim, a memória individual e a memória coletiva relacionam-se, pois enquanto os indivíduos conviverem em grupos sociais, situações, pessoas, fatos, viagens, imagens, sentimentos, entre outros, poderão ser recordados de forma individual, respaldados pelo coletivo, ou mesmo de forma coletiva (HALBWACHS, 2006).

Para o autor, a duração das memórias está condicionada à preservação dos grupos, ou seja, a memória coletiva depende dos elos existentes entre os participantes de um determinado grupo para que a mesma permaneça viva. Para ilustrar essa afirmação, o autor usa como exemplo um professor e seus alunos.

Um professor que, durante dez ou quinze anos, deu aulas em uma escola, um dia encontra um de seus antigos alunos e mal o reconhece. O aluno fala dos seus colegas daquela época. Recorda os lugares que ocupavam nos bancos da sala de aula. Evoca muitos fatos da vida escolar que ocorreram naquele ano, o sucesso desses ou daqueles, as esquisitices e as travessuras de outros, tais partes do curso, tais explicações que impressionaram ou interessaram aos alunos. Pode muito bem acontecer que o professor não tenha guardado nenhuma lembrança de tudo aquilo. Nem sempre isso é consequência da inconstância, da infidelidade, da superficialidade – mas porque ele estava bem menos envolvido do que o outro na

sociedade que os dois formavam, que se baseava num sentimento desigualmente partilhado (HALBWACHS, 2006, p. 35).

No exemplo apresentado acima, fica claro que o envolvimento do professor no grupo é diferente do envolvimento do aluno, pois para cada turma dos alunos, existe apenas um professor, e um professor faz parte de diversos grupos, ou seja, diversas turmas, o que faz com que ele não consiga recuperar as memórias relatadas pelo aluno da mesma forma que o mesmo, pois, como o autor afirma no exemplo, não lembrou por inconstância, infidelidade ou superficialidade, mas por compartilhar experiências semelhantes com outros grupos, talvez mais marcantes ou mais recentes que este mencionado pelo aluno.

Baseado nesse exemplo, torna-se evidente que a memória coletiva se baseia nas lembranças dos sujeitos, enquanto fazem parte daquele determinado grupo, ou seja, fazem parte do elo entre seus integrantes.

4.3 Os espaços de memória virtual

A Internet provocou uma série de transformações nos cenários social e econômico da humanidade e se configura como uma ferramenta fundamental para a realização de atividades rotineiras na vida das pessoas, que a cada dia estão mais conectadas. O volume, a variedade e a velocidade com que as informações trafegam na Internet fazem com que nunca tenham sido produzidas tantas quanto nos últimos tempos, quando, diariamente, 2,5 *exabytes*¹² de informações são produzidas pela humanidade, sendo que 3 *exabytes* era tudo o que se conseguia armazenar no ano de 1986 (PETRY, 2013).

O ciberespaço constitui uma dimensão imensurável, relacionada com as relações e as articulações realizadas durante as comunicações, pois cada indivíduo o limita de acordo com as suas necessidades e propósitos: cidades, empresas, escolas, universidades, shoppings, bibliotecas, entre outros, nele se proliferam (BALZANDA, 2006). Nesse âmbito, a permeabilidade entre o virtual e o real, as lembranças tradicionalmente divididas entre o passado, o presente e o futuro passam a se entrelaçar com uma nova composição de memória virtual.

Para que não haja equívocos, é importante distinguir memória digital e memória virtual, pois,

¹²*Exabite* (EB) é a unidade de medida de informação que equivale a 10^{18} bytes.

[...] uma memória digital (determinada pelo suporte computacional – está associada a questões técnicas e às tecnologias de informação) e uma memória virtual (determinada pela conexão e dispersão da Internet – transcende o espaço físico, estando associada também às tecnologias da comunicação). A memória virtual precisa da memória digital para existir, mas um registro digital somente tem significado com memória coletiva e/ou social ao se tornar virtual (VARGAS MANGAN, 2010, p. 176).

Desta forma, a memória coletiva vem se fixando no ciberespaço, através dos chamados espaços de memória virtual que, além de armazenar as memórias, possibilitam coletivizá-las na rede. Segundo Vargas Mangan (2010, p. 176),

Os novos espaços de memória (virtual) passam a ser repositórios de memória digital, cuja informação é socializada através da internet. Embora sejam espaços virtuais, seu conteúdo é real, assim como os sujeitos responsáveis por construir e comunicar as memórias. Trata-se, portanto, de espaços virtuais construídos em um mundo online (ciberespaço), que retratam memórias individuais e coletivas relativas tanto ao mundo online quanto ao mundo off-line (vivências fora do ciberespaço).

Nesses espaços, os diversos indivíduos que os integram, oriundos de qualquer lugar do planeta, carregam consigo as suas memórias, supridos das possibilidades oportunizadas pela rede mundial de computadores, tais como: socialização, comunicação, acessos e trocas de informações, fortalecem e intensificam o trabalho em comum através de redes de construções coletivas e colaborativas.

Estamos, pois, frente a processos de construção de novidades ou de invenções, ou de elaborações, que são coletivos que reúnem pessoas vindas de horizontes diferentes cada vez mais e mais. É uma das fontes da fecundidade cultural contemporânea, aquela que produz constantemente alguma coisa de original, nova, singular. As pessoas que participam desse processo se enriquecem pessoalmente (LEVY, 2006, p. 282-283).

Esses espaços de memória virtual se constituem na Internet de várias formas, seja através de *blogs*¹³, que, para muitos usuários, são utilizados como diários virtuais, repositórios digitais, que permitem o arquivamento e a disponibilização de uma série de documentos digitalizados. Também podem se constituir através de ferramentas *Wiki*, que apoiam a construção de textos compartilhados e de forma colaborativa por vários indivíduos, *websites*, que possibilitam a criação de um agrupamento de páginas na Internet com capacidade para reunir textos, imagens, vídeos, áudios, entre outras ferramentas tecnológicas em um espaço

¹³ Blogs são sites que permitem a atualização rápida podendo acrescentar novos textos, imagens, vídeos, sons, entre outros.

único, através das redes sociais, que se baseiam na interação entre os indivíduos, propiciando a criação de comunidades com interesses comuns, entre tantas outros.

Nessa perspectiva, a criação de espaços virtuais de memória, apresenta uma grande possibilidade aos indivíduos, ou aos grupos, de repassarem seus valores, princípios, experiências e vivências, através do registro e divulgação de suas memórias para as gerações futuras, mantendo um elo de continuidade entre o antigo e o novo, perpetuando-se no tempo.

Segundo Molina e Valentin (2011, p.268),

Podemos considerar que a memória está intimamente ligada ao futuro, pois é a partir do que temos internalizado como sujeitos cognoscentes, que nos estruturamos como indivíduos sociais e construímos nosso presente e, conseqüentemente, influímos em nosso futuro. Não existe futuro sem passado.

Também é importante ressaltar que a permanente evolução e a agilidade são características do mundo virtual e fazem com que “no ciberespaço a acumulação do conhecimento se dá no coletivo no qual a informação é permanentemente construída e reconstruída” (DODEBEI, 2009, p. 268). Ainda segundo a autora, é importante preocupar-se com a segurança na manutenção desse material que é transformado em bits e apresenta duas alternativas como forma de prevenção: a primeira diz respeito à atualização constante dos suportes de armazenamento de memória digital e a segunda diz respeito à manutenção de um histórico desses suportes, ou seja, a possibilidade de reproduzir um suporte de memória digital em desuso (DODEBEI, 2009).

Hoje, já são possíveis novas formas de armazenar informações digitais de forma mais prática e segura. Um exemplo é a utilização da nuvem. Esse tipo de armazenamento parte da ideia de alocação de um espaço na Internet que possibilita o salvamento dos documentos, em vários formatos. Esses documentos podem ser acessados por qualquer computador em qualquer lugar do mundo e são protegidos por uma senha.

Para Recuero (2010), as redes sociais concedem a expressão em rede e possibilitam que milhões de usuários se definam como protagonistas em seu círculo de relações. Nesse ambiente, as narrativas são expostas a todo o momento em uma sequência de atividades de forma cronológica. Tomemos como exemplo o *Facebook*. Nessa rede social, essa sequência é publicada em um local chamado linha do tempo, que pode registrar a movimentação ou mesmo as ações de seus usuários e sua rede de amigos virtuais através de suas próprias narrativas, através de textos curtos, fotografias ou vídeos. Esses mesmos rastros podem ser

deixados em outras redes como no *Twitter*¹⁴, *Foursquare*¹⁵, ou o *Instagram*¹⁶ mais específico para a disponibilização de imagens.

Tudo isso, disponibilizado na rede mundial de computadores, acaba se configurando em uma série de narrativas coletivas, além de se constituírem em espaços virtuais que juntam uma série de memórias. O *YouTube*¹⁷ também pode se configurar em um espaço virtual com essa mesma finalidade, apenas com o diferencial de que as narrativas e histórias são disponibilizadas através de vídeos (FURINI; TIETZMANN; VALIATI, 2013).

Também os blogs podem se configurar em espaços de memória virtual, como afirma Constante (2013, p. 40), “os *blogs* podem contribuir para a construção de uma rede de relações e significados” e ainda reforça que

[...] há uma vasta quantidade de trabalhos científicos que contribuem e esclarecem essas novas ferramentas, não somente como geração de informação e conteúdo, mas um espaço para trocas de experiências vividas. O blog, além de ser um local de cultura, pode ser considerado um local de geração de memórias coletivas, que transcendem a dimensão, sejam elas pessoais, institucionais e/ou organizacionais (CONSTANTE, 2013, p. 40).

Vale ressaltar que Robson da Silva Constante, como produto final no Mestrado em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle, apresentou um *blog* como um espaço de memória virtual, o Blog Memória Digital do Laboratório 24 Horas do Curso Ciência da Computação do Unilasalle Canoas-RS.

Através dos blogs, pode-se conceber à memória um processo continuado, incessante, pois a sua utilização cada dia mais se intensifica e também concebe à memória um processo criativo, pois, como foi apresentado anteriormente, os blogs permitem a atualização rápida, seja através de textos, sons, imagens vídeos, entre outros.

E nesse âmbito se encaixam os *websites*, pois, no ciberespaço, diversos ambientes são construídos com o intuito de preservar e perpetuar a memória de pessoas ou grupos. Entre esses espaços de memória virtual encontra-se o *website*, que iniciou como um *blog*, e pelo excesso de acessos tornou-se *website*, Maria do Resguardo, disponível no endereço eletrônico: <http://www.mariadoresguardo.com.br/>, criado por Marcelo Lemos, um comerciante de Juiz de

¹⁴ O *Twitter* é uma rede social que permite aos seus usuários enviar e receber mensagens pessoais e de seus contatos em textos de até 140 caracteres.

¹⁵ *Foursquare* é uma rede social que possibilita aos seus usuários indicar onde se encontram e procurar seus contatos mais próximos a esse local.

¹⁶ *Instagram* é uma rede social que permite aos seus usuários compartilhar com sua rede de contatos fotos e vídeos, aplicar filtros e publicá-las em outras redes sociais.

¹⁷ O *YouTube*, fundado em fevereiro de 2005, é um site que possibilita aos seus usuários carregarem e compartilharem vídeos no formato digital na Internet.

Fora – MG, com o objetivo de “resgatar a história, por necessidade de sobrevivência e reconstrução de uma memória fragmentada da cidade” (RABELO; MUSSE, 2012, p. 4). No blog, Marcelo coletou e publicou uma série de narrativas de moradores comuns, que não estão registradas na memória oficial do município e mais de cinco mil fotos antigas em preto e branco de locais públicos, privados, patrimoniais, mantendo o foco no físico da cidade e não nas pessoas.

Outro exemplo de espaço de memória virtual é o *website* do Museu da Pessoa, disponível no endereço eletrônico: <http://www.museudapessoa.net/pt/home>. Seu objetivo é a publicação de relatos pessoais a fim de fazer com que as histórias de vida de pessoas comuns tornem-se importantes na construção da sociedade. Também mostra à população que cada ação pessoal pode exercer um papel importante na formação dos novos cidadãos e dos lugares onde vivem. A iniciativa é uma organização da sociedade civil, e possui núcleos independentes em países como Portugal, Brasil, Estados Unidos e Canadá.

5 METODOLOGIA

A pesquisa, em se tratando da abordagem dos objetivos, classifica-se como qualitativa, pois busca compreender as complexas relações existentes entre o indivíduo e o mundo e não vê a possibilidade de interpretar numericamente o vínculo entre ambos os elementos dessa relação, pois são baseados em experiências pessoais e profissionais vivenciadas pelos entrevistados. Para o pesquisador, a pesquisa qualitativa não deve ser constituída por um modelo único, mas sim, exige do mesmo habilidade e eficiência na maneira de elaborá-la e adequá-la da melhor forma ao seu campo de investigação, permitindo dividi-la em etapas diferenciadas (GIL, 2006). Nesse contexto, foram empregadas na presente pesquisa duas etapas: a primeira, com caráter exploratório e a segunda, pesquisa de campo.

5.1 Etapa 1 – com caráter exploratório

Segundo Gil (2010), as pesquisas com caráter exploratório promovem uma maior familiaridade entre o pesquisador e sua pesquisa, tornando seu planejamento mais ágil e flexível, pois considera o fenômeno estudado como um todo. Nela é possível reunir e identificar levantamento bibliográfico e documental, estudos de caso, entre outros.

A pesquisa bibliográfica foi feita através da coleta e análise de materiais já publicados a respeito do tema da pesquisa, seja no formato físico ou online. Entre esses materiais foram incluídos livros, periódicos, dissertações, teses, entre outros. O material pesquisado e selecionado para utilização no projeto foi organizado através de fichas em meio digital, pois, segundo Gil (2010, p. 61), “a confecção de fichas evita problemas muito comuns, como o esquecimento de referências bibliográficas, ou da autoria de uma citação importante, ou indisponibilidades da informação contida num livro ou periódico que foi emprestado” e, “para que sejam funcionais, estas fichas devem apresentar três campos: cabeçalho, referência e texto”.

Dentre os documentos mais utilizados nas pesquisas estão os documentos institucionais, pessoais, materiais elaborados para fins de divulgação, documentos jurídicos, documentos iconográficos e registros estatísticos (GIL, 2010). Neste projeto, foram utilizados como fontes de pesquisa documental: a) dados estatísticos do Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e do Censo EAD.BR, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED); b) pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisas e Administração da Educação (IPAE) e

pelo Ministério da Educação (MEC); c) Legislação que versa sobre a EAD no Brasil, através do Portal da Legislação do Governo Federal; d) Plataforma Lattes, desenvolvida e mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Como mencionado no capítulo 3, a seção 3.1 da Revisão Bibliográfica, “Um breve histórico da EAD no Brasil” foi publicado na íntegra, no *website*, MemorialEAD, produto final do presente mestrado, por entender que a mesma norteará os usuários do *website* na compreensão de alguns termos utilizados pelos docentes em suas narrativas publicadas no mesmo.

5.2 Etapa 2 – pesquisa de campo

Na segunda etapa, foi utilizada a metodologia da história oral, levantando-se o testemunho dos professores a partir de entrevistas temáticas, pois “são aquelas que versam, prioritariamente, sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2005, p. 37), nesse caso, a Educação a Distância.

A autora esclarece o diferencial entre entrevistas de história de vida e entrevistas temáticas da seguinte forma:

Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados. Podemos concluir desse já que uma entrevista de história de vida é geralmente mais extensa do que uma entrevista temática: falar sobre uma vida realizando cortes de profundidade em determinados momentos, exige que entrevistado e entrevistador disponham de tempo bem maior do que se elessem apenas um desses cortes como objeto da entrevista (ALBERTI, 2005, p. 37).

Apesar de serem conceitualmente desiguais, ambas se relacionam com o método bibliográfico, pois seja através do método de história de vida, ou de um recorte temático da vida de um indivíduo, a base se manterá na biografia do entrevistado, seus aprendizados, suas vivências e experiências (ALBERTI, 2005).

As entrevistas foram realizadas com docentes de IES credenciadas para EAD do Estado do Rio Grande do Sul. Das 19 IES apresentadas inicialmente, foram descartadas as cinco federais e as seis IES privadas que não ofertam cursos superiores de graduação em EAD.

O levantamento de dados para a preparação do Roteiro Geral das entrevistas (Apêndice A) realizou-se com base em uma vasta pesquisa bibliográfica e documental sobre a

Educação a Distância, o que orientou a elaboração das questões norteadoras, a partir dos objetivos estabelecidos nesse trabalho, pois, segundo Alberti (2005, p. 81),

Na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizando uma pesquisa, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, que se transformarão em documentos, os quais, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início.

Os entrevistados são professores que atuam e/ou atuaram nas modalidades presencial e a distância. Antes da realização das entrevistas, foi realizado um estudo da biografia de cada entrevistado, biografias essas obtidas através de consulta em seus currículos na Plataforma LATTES presente no site do CNPq. Nos roteiros gerais, foram abarcadas as questões gerais para todos os entrevistados, como possibilidade de comparação entre as diferentes versões do tema na visão de cada entrevistado. A biografia dos entrevistados foi agregada na construção dos roteiros individuais.

Segundo Alberti (2005, p. 83),

O roteiro geral de entrevistas deve ser elaborado com base no projeto e na pesquisa exaustiva do tema. Sua função é dupla: promove a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias e constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente a elaboração de roteiros individuais.

As entrevistas foram realizadas pelo autor deste projeto, uma vez que o mesmo possui experiência na área de estudo, podendo conduzi-las de forma adequada e com profundidade.

O primeiro contato com os entrevistados escolhidos foi realizado presencialmente, por *e-mail* ou por telefone. Uma vez feito e aceito o convite, foi agendado um horário para a realização da entrevista. Inicialmente, foram expostos aos entrevistados os objetivos do projeto e garantido o direito aos mesmos de não mencionar fatos indesejados, bem como a possibilidade de revisar o conteúdo antes da publicação, podendo suprimir algum trecho se o considerar conveniente. O local da entrevista foi escolhido pelos entrevistados, sendo o mais viável e confortável aos mesmos.

Foram também solicitadas aos entrevistados algumas informações, tais como: nome, telefone, endereço, currículo resumido e uma foto (essa poderá ser feita no momento). A partir desse momento, foi cadastrada a ficha técnica da entrevista (Apêndice B) em um Banco

de Dados Access construído pelo autor e armazenado em uma área restrita no *website* do MemorialEAD.

O pesquisador utilizou um caderno de campo como forma de registro das reações dos entrevistados e demais situações consideradas relevantes, desde o primeiro contato, durante a entrevista e posteriormente à mesma.

Quanto ao encerramento das entrevistas individuais foi iniciativa dos próprios entrevistados, pois, conforme Alberti (2005, p. 129), “em situações normais de realização de entrevista, quando a continuidade do depoimento não é afetada por circunstâncias alheias à vontade dos entrevistados, é a eles que cabe o momento de decidir sobre o momento de encerrar aquela relação”.

E ainda, “uma vez que os próprios entrevistadores têm consciência dos objetivos da entrevista, isto é, daquilo que afinal querem saber do entrevistado, não lhes é difícil perceber quando a entrevista está chegando ao fim” (ALBERTI, 2005, p. 131).

Para o encerramento das entrevistas, foi usado o método de saturação. Esse método pode ser aplicado já na escolha dos entrevistados, pois “o número de entrevistados pode se restringir a uma única pessoa, se seu depoimento estiver sendo tomado como contraponto de outras fontes e for suficientemente significativo” (ALBERTI, 2005, p. 131).

No caso das entrevistas, o encerramento por saturação verificou-se

[...] após ter atingido o ponto em que os novos depoimentos começaram a ser repetitivos em relação aos que já foram feitos [...] Em entrevistas temáticas e nos cortes temáticos que se fazem em entrevistas de história de vida (por exemplo: dedicar algumas seções da entrevista para tratar exclusivamente da atuação do entrevistado na presidência de determinado órgão), é possível também que se detecte, após horas de conversas, uma certa saturação do tema” (ALBERTI, 2005, p. 130).

Decidir quando encerrar uma entrevista ou uma sessão de entrevistas infere em

[...] uma avaliação de seu rendimento, verificar se aquele trabalho efetivamente rendeu o máximo que podia, dados os propósitos da pesquisa e os limites do entrevistado. É nessa oportunidade que os entrevistadores devem se perguntar pela última vez sobre seu desempenho, seus próprios limites, e verificar se algumas questões não poderiam ser retomadas com mais afinco, para delas obter um depoimento mais completo; por exemplo, se não deixaram passar informações ou declarações importantes sem investigá-las mais profundamente (ALBERTI, 2005, p. 130-131).

Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e, após, foram realizadas as entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas através de

áudio, transcritas e formatadas digitalmente. Após, foram recortados um ou mais trechos das entrevistas e elaborada uma arte final e, então, foi realizada uma análise do material elaborado pelo entrevistado. Com a aprovação do material pelo entrevistado, o mesmo deverá assinar o Contrato de Cessão Gratuita de Direitos de Depoimento Oral (Apêndice D) e do Contrato de Cessão Gratuita de Direitos de Uso de Imagem, para que o material possa ser publicado virtualmente. As publicações foram feitas no *website* MemorialEAD, produto final do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle.

As entrevistas foram gravadas na forma de áudio por meio do gravador de áudio do *smartphone*¹⁸ Samsung Galaxy S4, no formato MP4. A transcrição das entrevistas, do formato de áudio para texto, foi realizada pela Historiadora Sandra Simone Graciano, especializada e contratada para exercer tal função. Tanto os arquivos de áudio, gerados no formato MP4, quanto as transcrições escritas foram armazenadas em um espaço restrito no *website* do MemorialEAD e em um HD externo.

5.3 Método de análise de dados

O material coletado através das narrativas foi transcrito e analisado com base no método de Análise de Conteúdo Temática apresentado por Minayo (2012, p. 91-96), que pode ser dividido em três partes.

- I. Pré-análise: na pré-análise, o pesquisador lê de forma compreensiva e exaustiva o material selecionado, com o intuito de aprofundar o conhecimento a respeito do tema. Com essa leitura busca

(a) ter uma visão de conjunto; (b) aprender as particularidades do conjunto do material a ser analisado; (c) elaborar pressupostos iniciais que servirão de baliza para a análise e a interpretação do material; (d) escolher formas de classificação inicial; (e) determinar os conceitos teóricos que orientarão a análise (MINAYO, 2012, p. 91).

- II. Exploração do material: nesta etapa, o pesquisador realiza a exploração do material e aqui ele efetua realmente a análise dos dados. Aqui o pesquisador procura:

¹⁸*Smartphone* é um telefone celular que em português significa telefone que possui tecnologias avançadas, o que inclui programas executados num sistema operacional, equivalente aos computadores. Reúnem-se nele diversas possibilidades como acesso à internet, fazer fotografias, gravar vídeos, áudios, enviar e compartilhar fotos e informações, entre outras.

a) distribuir trechos, frases ou fragmentos de cada texto de análise pelo esquema de classificação inicial (escolhido na primeira etapa); (b) fazer uma leitura dialogando com as partes dos textos da análise, em cada classe (parte do esquema); (c) identificar, através de inferências, os núcleos de sentido apontados pelas partes dos textos em cada classe de classificação; (d) dialogar os núcleos de sentido com pressupostos iniciais e, se necessário, realizar outros pressupostos; (e) analisar os diferentes núcleos de sentido presentes nas várias classes do esquema de classificação para buscarmos temáticas mais amplas ou eixos em torno dos quais podem ser discutidas as diferentes partes dos textos analisados; (f) reagrupar as partes dos textos por temas encontrados; (g) elaborar uma redação por tema, de modo a dar conta dos sentidos dos textos e de sua articulação com o(s) conceito(s) teórico(s) que orienta(m) a análise. Nessa redação podemos entremear partes dos textos de análise com nossas conclusões, dados de outros estudos e conceitos teóricos (MINAYO, 2012, p. 92).

III. Tratamento dos resultados / Inferência / Interpretação: nessa última etapa, o pesquisador elabora uma síntese interpretativa, ou seja, o autor reconstrói o que foi coletado e compreendido nas etapas anteriores, através da redação de um texto que permita “dialogar temas com objetivos, questões e pressupostos da pesquisa” (MINAYO, 2012, p. 92).

Essa síntese interpretativa consiste, basicamente, na análise e interpretação baseada na revisão bibliográfica, no referencial teórico que abarca as narrativas dos entrevistados. A partir da análise desses relatos, reconstituem-se momentos significativos da história da Educação a Distância, os quais podem fundamentar reflexões acerca do seu cenário atual.

5.4 Percurso Metodológico

Nesta seção será delineado o percurso metodológico desse trabalho através da explanação das fases do mesmo. Tal percurso foi sistematizado na figura 2, a seguir:

Figura 2 – Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Produzido pelo autor, 2015.

O percurso metodológico dessa pesquisa iniciou com a construção do projeto de pesquisa ao longo do ano de 2013 e sua qualificação no ano de 2014, mais especificamente no dia 9 de outubro desse ano. A partir do projeto já qualificado, foi realizada uma reavaliação na revisão bibliográfica e no referencial teórico.

A partir dessa reavaliação, foi construído o Roteiro Geral para a realização das entrevistas temáticas (Apêndice A) e foram feitos os primeiros contatos com os entrevistados, por *e-mail*, telefone ou pessoalmente. Após esses primeiros contatos, foi agendado um encontro presencial para maiores esclarecimentos a respeito do teor e da importância dessa pesquisa e de suas participações na mesma.

Com a explanação da pesquisa e a concordância do entrevistado, foram agendadas as entrevistas, sempre respeitando as datas, horários e locais definidos pelos docentes. Com esses aspectos definidos, foi realizado um estudo no currículo de cada um dos entrevistados, acessados através da Plataforma Lattes, no *website* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do endereço eletrônico: <http://www.cnpq.br/>, com o intuito de individualizar os roteiros gerais de cada entrevistado.

No dia de cada entrevista, foi preenchida a Ficha Técnica (Apêndice B) de cada uma delas, e foi passado a cada entrevistado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), para que, após a sua leitura, assinasse o documento junto a esse pesquisador.

As entrevistas iniciaram de acordo com as datas e horários pré-agendados, e foram todas gravadas através do gravador de áudio do *smartphone* Samsung Galaxy S4, no formato MP4. Após o término de cada entrevista, os arquivos de áudio foram enviados para a Historiadora Sandra Simone Graciano, profissional especializada na transcrição de entrevistas. Com a transcrição de todas as entrevistas realizada, foi feita a análise e tabulação dos dados coletados. O passo seguinte foi a escrita e revisão da dissertação.

Conforme já firmado com cada entrevistado, as transcrições foram enviadas para cada um deles, que leu e destacou os trechos que considerou interessantes para a publicação. Em sequência, cada docente leu e assinou o Termo de Cessão de Direitos de Depoimento Oral (Apêndice D) e o Termo de Cessão Gratuita de Direito de Uso de Imagem (Apêndice E) e enviou para este pesquisador o material juntamente com uma fotografia sua.

Foi realizada uma nova revisão ortográfica do material e reenviado para cada entrevistado para a sua última conferência e aval para a publicação no produto final do mestrado, o *website* MemorialEAD (Apêndice F), no item de menu “Vozes e Memórias Docentes”.

Figura 1 – Página "Vozes e Memórias Docentes" do *website* MemorialEAD

(51) 8044-5242 contato@memorialead.com.br Login Seja Bem Vindo!

MemorialEAD

HOME NOTÍCIAS EVENTOS GALERIA CURSOS LIVRES PESQUISA NA INTERNET CONTATO

Home > Vozes e Memórias Docentes

Professor Mestre Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt
 22/05/2015 7:01 pm Por Memorial EAD
 Vozes e Memórias Docentes
[Leia Mais...](#)

Professor Doutor Alexandre Cruz Berg
 22/05/2015 6:53 pm Por Memorial EAD
 Vozes e Memórias Docentes
[Leia Mais...](#)

Professora Mestre Karin Koenig
 22/05/2015 6:44 pm Por Memorial EAD
 Vozes e Memórias Docentes
[Leia Mais...](#)

Professora Mestre Márcia Cristiane Abreu
 22/05/2015 6:22 pm Por Memorial EAD
 Vozes e Memórias Docentes
[Leia Mais...](#)

↑

Fonte: MemorialEAD (2015).

6 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo apresenta a análise das entrevistas temáticas realizadas com professores de ensino superior no RS. Os nove entrevistados na ordem cronológica em que ocorreram as entrevistas temáticas são os seguintes:

- Professor Doutor Alexandre Cruz Berg – Bacharel em Informática pela PUCRS, Especialista em Informática pela UFRGS e Doutor em Informática pela Universitat de Les Illes Balears – Atualmente atua como docente na ULBRA.
- Professora Mestre Patrícia Noll de Mattos. Bacharel em Informática pela PUCRS, Especialista em Educação a Distância pelo SENAC/RS e Mestre em Informática pela UFRGS. Atualmente atua como docente em duas IES, ULBRA e UNISINOS.
- Professora Mestre Márcia Cristiane Abreu – Graduação em Administração pela ULBRA, Especialização em Gestão e Desenvolvimento Humano pela ULBRA e Mestrado em Educação pela ULBRA – Atua como docente em três IES, FTEC, ULBRA e UNISINOS.
- Professor Mestre Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt – Graduado em Ciências Econômicas pela UNISINOS, Especialista em Administração e Estratégia Empresarial pela ULBRA e Mestre em Administração pela UNIVALI – Atualmente atua em duas IES, FTEC e ULBRA.
- Professora Mestre Denise Bandeira da Silva – Bacharel em Informática pela PUCRS e Mestre em Ciências da Computação pela UFRGS – Atua atualmente como docente na UNISINOS.
- Professora Doutora Margrit Reni Krug – Bacharel em Informática com ênfase em Análise de Sistemas pela UNISINOS, Mestre em Computação pela UFRGS e Doutora em Computação pela UFRGS – Atua atualmente em duas IES, UNISINOS e UERGS.
- Professora Mestre Christiane Martinatti Maia – Graduada em Pedagogia pela UFRGS, Especialista em Psicopedagogia Abordagens Institucional e Clínica pela Faculdade Porto Alegrense de Educação Ciências e Letras e Mestre em Educação pela UFRGS – Atualmente atua como docente na ULBRA.
- Professor Mestre Jaime Antônio Nalin – Graduado em Filosofia pela UNINFRA, Especialista em Pensamento Político pela UFSM, Especialista em Metodologia do Ensino pela UPF e Mestre em Ciência Política pela UFSM – Atualmente atua como docente no Centro Universitário La Salle - UNILASALLE.

- Professora Mestre Karin Koenig – Graduada em Pedagogia pela ULBRA e Mestre em Educação pela ULBRA – Atua atualmente como docente na FACOS.

6.1 Temas e Categorias

A análise realizada pode ser compreendida pelo esquema apresentado na Figura 4, que descreve o Tema, as Categorias e os Núcleos de Sentido. A construção das categorias foi a priori, com base nos objetivos estabelecidos para essa pesquisa.

Figura 4 – Sistematização das categorias de análise de dados



Fonte: Produzido pelo autor, 2015.

6.1.1 Ingresso na EAD

Esta categoria foi constituída com base na questão feita aos docentes sobre seu ingresso na EAD. O ingresso na modalidade de educação a distância nas Instituições de

Ensino Superior pode ser através de diversos formatos diferentes, cursos de graduação ou pós-graduação totalmente a distância, cursos de extensão a distância, disciplinas dos 20 por cento a distância, entre outros.

Na instituição em que eu trabalho, nós, os professores da computação, fomos convidados a participar de um projeto [...] voltado para a construção da educação a distância e eu fui convidado para compor uma disciplina, que era uma disciplina da graduação presencial chamada “Algoritmos de Programação”, da área da computação [...] então, a minha primeira experiência foi com uma disciplina totalmente a distância, mas inserida em um curso que era presencial” (Alexandre Cruz Berg).

Em 2003, eu fui convidada para escrever o material para um curso novo que ia ser lançado, o curso de nivelamento em informática [...], em 2004 iniciei o trabalho como professora tutora, que era como se chamava na época, onde eu fui então professora desse curso na modalidade que ocorria então 100% a distância (Patrícia Noll de Mattos).

Nós fomos convidados nessa instituição de ensino privada a participar das capacitações em EAD, porque a Instituição estava se inserindo na modalidade [...] comecei essa questão da EAD com as disciplinas semipresenciais, 20 % a distância [...] e logo em seguida nos cursos totalmente EAD (Márcia Cristiane Abreu).

Fiz o curso de capacitação em 2005 com EAD e, logo em seguida, me pediram para escrever um livro e comecei a pegar duas turmas nos cursos a distância. Enfim, comecei a interagir, naquele momento era outra modalidade, era outro modelo, proposto de EAD, porque até então o EAD era muito novo (Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt).

A universidade começou na modalidade a distância, trabalhando com os 20% a distância e nós na coordenação de curso tínhamos que escolher as disciplinas que seriam ofertadas na modalidade dos 20% [...] acabei sugerindo dentre essas disciplinas a disciplina de Banco de Dados [...] então, assim que se deu o meu ingresso e até hoje continuo no EAD (Denise Bandeira da Silva).

Foi por acidente mesmo, o professor tinha dito que faria a disciplina, que é professor da disciplina presencial semelhante [...] de última hora disse que não poderia mais [...] então me perguntaram se eu poderia fazer [...] então eu escrevi o material, preparei a disciplina e fui convidada a ministrá-la [...] então comecei a dar aula nos cursos totalmente EAD, agregando também à minha carga horária de professora na Unisinos (Margrit Reni Krug).

Em 2002, quando foi estruturada a educação a distância na Universidade [...], como eu tinha uma visão mais aberta [...], fui a primeira professora de pedagogia a desenvolver um material de pedagogia para essa modalidade [...]. Em 2003, nós iniciamos uma modalidade que hoje se chama conectado - 20 por cento a distância, e eu comecei a escrever algumas disciplinas [...] e, na época, assumi com algumas colegas [...] a primeira disciplina de sociologia da educação, apesar de não ser socióloga, mas para dar toda a base da formação pedagógica (Christiane Martinatti Maia).

A princípio, sempre foi no formato 20 por cento a distância. Até hoje eu permaneço trabalhando dentro desta modalidade, e realmente foi o processo de forçar um pouco a natureza, de buscar essas informações de como trabalhar dentro desta modalidade (Jaime Antônio Nalin).

Há dois anos vim concorrer a uma vaga como docente no Curso de Pedagogia da FACOS que faz parte de um grupo Cenecista, com atuação em cidades do interior do Brasil [...] Hoje eu trabalho apenas como docente da FACOS na educação presencial e também na educação a distância do curso de pedagogia (Karin Koenig).

Com base nos relatos dos docentes entrevistados, identifica-se que o ingresso dos mesmos na Educação a Distância verificou-se em diferentes formatos: cursos de extensão (1 depoimento), disciplinas 20 por cento a distância (5 depoimentos) e cursos completos a distância (3 depoimentos). Assim, foram identificados os seguintes núcleos de sentidos:

Curso de Extensão a distância (depoimento da docente Patrícia Noll de Mattos).

Disciplinas 20 por cento a distância (depoimentos dos docentes: Alexandre Cruz Berg, Márcia Cristiane Abreu, Denise Bandeira da Silva, Christiane Martinatti Maia e Jaime Antônio Nalin).

Cursos de Graduação a distância (depoimentos dos docentes: Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt, Margrit Reni Krug e Karin Koenig).

O ingresso dos docentes na EAD não apresenta uma ordem determinada, ou seja, primeiramente o docente vai passar por este formato, seguindo para um segundo formato e assim por diante. Como Tori (2010) coloca, os estudos e o desenvolvimento dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, desde o seu surgimento na década de 90, foram impulsionados pelo emprego em instituições de ensino, em cursos a distância, híbridos, de extensão ou apoio a atividades dos cursos de graduação presencial, assim, os professores ingressaram no formato ou nos formatos que as IES implantaram.

Este pesquisador, em sua trajetória na educação à distância, iniciou suas atividades no curso de Letras totalmente a distância, com a disciplina de Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação, depois seguiu para os 20 por cento a distância, com a disciplina de Instrumentalização Científica. Após essas fases, assumiu os cursos de extensão, Nivelamento em Informática e Nivelamento em Matemática, e o último formato foi na pós-graduação com as disciplinas de Banco de Dados e WEB e Administração de Banco de Dados e *Performance Tunning*.

Cabe salientar que as disciplinas com 20 por cento à distância foram regulamentadas pela Portaria 4059, de 10 de dezembro de 2004, do Ministério da Educação (MEC, Portaria 4.059). Segundo Carlini e Tarcia (2009), esses 20 por cento a distância nos cursos de

graduação presencial podem ser distribuídos em atividades semipresenciais ou em disciplinas completamente a distância. Muitas IES, com uma gestão mais cautelosa, iniciaram a implantação da educação a distância através desse formato, 20 por cento a distância, por questões como experiência e análise de resultados.

A implantação dos cursos de graduação em nível superior a distância, ou seja, cem por cento a distância, no Brasil, foi oficializada junto ao MEC, a partir da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e o Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta o artigo 80 da Lei n.º 9.394, que versa especificamente sobre as questões relacionadas à EAD. (BRASIL, Lei n. 9.394). Esse pode ser considerado um passo mais largo, pois um curso totalmente a distância, compreende não somente uma, duas ou 20 por cento de suas disciplinas a distância, mas sim, todas as disciplinas de um curso, incluindo estágios e trabalhos de conclusão de curso, dependendo das suas grades curriculares.

Em suas narrativas, os professores não se atêm apenas à questão levantada: “Quando e como ocorreu o seu ingresso na modalidade a distância?” Eles perpassam no tempo pelas suas experiências iniciais na EAD até outros formatos já trabalhados em tempos distintos, o que nos remete à colocação da autora Jô Gondar (2005), quando afirma que uma sociedade se representa pela sua memória social, ou seja, pela ligação entre o passado e o presente e é a partir desse vínculo que os indivíduos, bem como suas relações, se organizam. Essa colocação é ratificada por Molina e Valentin (2011) quando consideram que a memória está diretamente ligada ao futuro e esse não existe sem o passado.

6.1.2 Percepção sobre EAD

Esta categoria não partiu de nenhuma questão específica, mas sim de uma constatação deste pesquisador ao longo das entrevistas, pois ao referir-se à sigla EAD, os docentes entrevistados a denominavam de formas diferenciadas, como: Educação a Distância, Ensino a Distância e outros intercalavam seu significado entre as duas formas, Educação e Ensino a Distância.

“Presencial, até porque em 93 a gente não tinha bem formatada a educação a distância, a gente tinha alguns projetos piloto [...] de educação à distância” (Alexandre Cruz Berg).

“No ano de 2012, quando eu saí da coordenação eu retornei para esse trabalho, para esse grupo que tinha sido alterado [...] o grupo de capacitação e até hoje inclusive parte da minha atribuição é a capacitação de professores para a educação a distância” (Patrícia Noll de Mattos).

“No início tinha muito preconceito inclusive dos professores das instituições [...] eu sempre acreditei na educação a distância [...] professores não querendo participar das capacitações por não acreditarem no ensino a distância, por não quererem dar aula no ensino a distância” (Márcia Cristiane Abreu).

A modalidade de ensino da educação a distância tem essa peculiaridade, o aluno tem que ser autônomo, porque o professor não está ao lado dele todo o tempo e se o aluno não tiver essa capacidade de autonomia e de poder caminhar com as suas próprias pernas, ele não vai se adaptar a nenhum curso ou disciplina na modalidade de educação à distância [...] tu poderias me perguntar assim – tu gostas de trabalhar no ensino a distância? – gosto, é uma forma de aprendizado nova, é uma forma diferente, mas também é bom dar uma aula no presencial (Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt).

“Da maneira que nós começamos aqui na Unisinos, era o professor que construía os seus materiais, para mim, acho que foi um desafio que eu encarei e eu gostei de encarar, a partir daquele momento, comecei a defender o ensino a distância” (Denise Bandeira da Silva).

“Vários outros motivos os levam a procurar à modalidade de ensino a distância” (Margrit Reni Krug).

“Em 2002, quando foi estruturada a educação a distância na universidade, os professores mais antigos ficaram com medo de ingressar e consideravam que a EAD não seria possível” (Christiane Martinatti Maia).

“Eu comecei a trabalhar na educação a distância no início dos anos 2000, portanto, eu já tinha muitos anos de ensino presencial” (Jaime Antônio Nalin).

“Então iniciei a carreira no curso de pedagogia, em educação a distância, e no mesmo período eu ingressei no mestrado em educação” (Karin Koenig).

Conforme os testemunhos, é possível constatar que a compreensão da sigla EAD diverge entre os docentes entrevistados e que alguns professores utilizam tanto Educação a Distância como Ensino a Distância. Especificamente nas narrativas colhidas, foi utilizado o significado de EAD como: Educação a Distância (5 depoimentos), Ensino a Distância (2 depoimentos) e ambos os significados, Ensino e Educação a Distância (2 depoimentos).

Em termos de núcleo de sentido, com base nos referenciais escolhidos, aponta-se a seguinte premissa:

Na concepção dos docentes, Ensino a Distância e Educação a Distância são termos sinônimos.

Foram identificados os seguintes núcleos de sentidos:

EAD como Educação a Distância (depoimentos dos docentes: Alexandre Cruz Berg, Patrícia Noll de Mattos, Christiane Martinatti Maia, Jaime Antônio Nalin e Karin Koenig).

EAD como Ensino a Distância (depoimentos das docentes: Denise Bandeira da Silva e Margrit Reni Krug).

EAD tanto como Educação a Distância como Ensino a Distância (depoimentos dos docentes: Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt e Márcia Cristiane Abreu).

O significado da sigla EAD, dependendo do processo de ensino e aprendizagem, adquire significados diferenciados, Ensino ou Educação a Distância (BELLONI, 2009). Para Demo (1994), Educação a Distância é mais abrangente do que Ensino a Distância, pois implica aprendizado, elaboração e avaliação, enquanto esse implica apenas socialização e transmissão de informações.

Por entender que o significado de Educação a Distância é mais amplo que Ensino a Distância, este pesquisador posicionou-se, ainda no Capítulo 1 dessa pesquisa, quando definiu a utilização do termo Educação a Distância para designar EAD ao longo da mesma.

Também através das narrativas docentes pertinentes a essa questão, é possível compreender Maurice Halbwachs (2006) quando coloca que cada memória individual é ponto de vista sobre a memória coletiva e que a mesma pode mudar de acordo com os lugares e relações que os indivíduos mantêm em cada grupo, ou seja, a memória coletiva é baseada nas lembranças dos sujeitos, enquanto elos de um grupo.

Isso pode ser evidenciado, pois os docentes que designam EAD como Educação a Distância: Alexandre Cruz Berg, Patrícia Noll de Mattos, Christiane Martinatti Maia, Jaime Antônio Nalin e Karin Koenig, embora atualmente atuem em diversas e distintas IES, por um longo período de tempo compartilharam seu trabalho com EAD na mesma Instituição. As docentes que designam EAD como Ensino a Distância: Denise Bandeira da Silva e Margrit Reni Krug atuam há um longo período de tempo com EAD na mesma Instituição. Os docentes que designaram EAD tanto como Educação a Distância como Ensino a Distância: Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt e Márcia Cristiane Abreu, trabalham como professores contratados atualmente em duas IES comuns.

Portanto, cada docente se identifica com o seu grupo e suas memórias podem mudar de acordo com os lugares e relações que cada um deles exerce em grupo. Mesmo não pertencendo mais a uma determinada instituição, o docente ainda pode se sentir como um elo daquele grupo, pois, para Halbwachs (2006), a duração das memórias está condicionada à preservação dos grupos.

6.1.3 Impactos na transição da modalidade presencial para EAD

Esta categoria foi constituída baseada na questão formulada aos docentes sobre quais os maiores desafios que enfrentaram na mudança da modalidade presencial para a modalidade a distância. Embora essa mudança de modalidade possa ser um processo natural para muitos docentes, para outros não foi um processo tão simples assim.

Os impactos causados por essa mudança de modalidade de educação, de acordo com as narrativas dos docentes entrevistados, são diversificados e percorrem tópicos como: interação, participação e passividade dos alunos, tempo, diferenças regionais, avaliação presencial, novas tecnologias, construção do material didático e participação do tutor virtual.

A partir de cursos e capacitações ofertados pelas IES e pela prática dos docentes nas salas de aula virtuais, esses impactos vêm sendo minimizados. Mesmo assim, experiências e vivências dos professores em atuação na educação a distância podem se apresentar como base para consulta e pesquisas na qualificação dos novos profissionais e dos profissionais já atuantes nessa modalidade de educação.

Em um curso totalmente a distância, a forma de tu te comunicares com o aluno, é uma forma que precisa ser muito construída e acompanhada de maneira muito próxima, por mais que seja a distância, mas tem que ser de uma maneira muito próxima [...] praticamente a gente não conhece os alunos presencialmente, a gente só conhece os alunos pela foto, pelos contatos de fóruns, e-mails, enfim, e alunos do Brasil inteiro [...] Então, diferenças culturais até de expressar, formas de o aluno te questionar, muitas vezes assim, por exemplo, eu noto uma forma dos alunos do Nordeste conversarem, que eles têm muito um português assim que é semelhante ao português de Portugal e nós aqui temos expressões mais parecidas com o espanhol. Então, no início, assim tu levas um tempo até te acostumar com essa diversidade que aparece dentro de um curso totalmente a distância (Alexandre Cruz Berg).

Foram vários desafios que eu percebi e um dos primeiros era conseguir que o aluno de fato participasse, até porque eu iniciei com uma disciplina do curso de computação que não era considerada pelos alunos uma disciplina muito simples, era a de programação. O que eu percebi era que os alunos tinham muito medo de errar [...] criar atividades nesses ambientes que não se esgotassem já em uma primeira participação como, por exemplo, se eu coloco um exercício na área da computação, peço para desenvolver um código de programa, o primeiro aluno que desenvolve e desenvolve certo, pronto acabou, não tem mais discussão. [...] Outros

desafios também ocorreram e até hoje ocorrem como o fato de o aluno estar muito acostumado a esperar que o professor transmita toda aquela informação que ele precisa, e ele se torna muito passivo normalmente [...] Isso na educação a distância é um desafio, porque parte do conceito da educação a distância é de o aluno ter um papel de protagonista, do processo de ensino a aprendizagem, ele não pode ficar simplesmente esperando pelo professor (Patrícia Noll de Mattos).

Eu vejo muito a parte das avaliações mesmo [...] quando o aluno vai fazer a avaliação presencial, porque nas plataformas eles estão com o conteúdo, eles estão acessando o conteúdo, estão consultando o conteúdo, agora quando chega nas avaliações presenciais tu vêes realmente quem aprendeu e quem não aprendeu [...] até hoje, já se passaram dez anos, mas essa questão da avaliação presencial é uma questão que eu fico preocupada [...] eu vejo alguns alunos que estão muito bem na primeira etapa da disciplina, porque fazem todas as atividades a distância [...] e quando chegam na segunda etapa, eles vão mal, porque não estudaram e não se prepararam para aquela prova presencial (Márcia Cristiane Abreu).

Olha, o que a gente nota é que a participação do aluno é muito baixa, pela atual metodologia que as instituições nas quais eu trabalho tem adotado, a participação dos alunos é muito baixa. Os alunos fazem apenas aquilo que vale nota, eles interagem pouco [...] mesmo a gente propondo provocações em algumas tarefas nas quais a gente elabora para o aluno que não tem caráter avaliativo, mas caráter formativo, de esclarecimento, de integração, de aprendizado, de mediação, o aluno tem uma baixa participação e aí tem que instigar, mandar e-mail e isso é muito complicado, parece que tu inverte um pouco a lógica do aprendizado, quando o aluno deveria correr atrás, na verdade é o professor que corre atrás do aluno (Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt).

Eu acho que o principal desafio foi conseguir criar formas, sejam materiais ou diálogos, ou enfim, pensar na parte tecnológica também, ferramentas, que realmente atinjam o aluno, seja que faça com que o aluno se interesse e ao acessar aquele material, aprenda. Acho que esse, para mim, foi o principal desafio, assim como organizar o conteúdo e a prática desse conteúdo de forma que o aluno consiga aprender sem ter aquela sensação de “eu estou sozinho” [...] outro desafio que eu vejo aqui, principalmente porque eu trabalho em cursos da área de informática, é conseguir fazer o melhor uso da tecnologia para ensinar, eu me preocupo muito com isso, porque como a gente está dentro de um curso com tecnologia acho que a gente tem que fazer um bom uso da tecnologia para conseguir ensinar dentro desse curso, tanto porque é necessário para o aluno aprender como eu acho que é um exemplo que a gente dá pelo fato de estar formando pessoas que depois vão ter que criar soluções tecnológicas, seja para ensino, seja para uma empresa, o que for [...] acho que o outro desafio do ensino a distância é o tempo que leva, para explicar, para montar material, para tudo isso (Denise Bandeira da Silva).

A maior dificuldade foi montar um conjunto mais sucinto de material [...] eu preparei uma disciplina que eu não ministrava no presencial e foi mais tranquilo do que eu preparar uma disciplina que eu ministrava no presencial [...] outra dificuldade, certo receio de como que o tutor iria conseguir interagir com esse material, porque eu acho que não é só o aluno que tem que gostar do material o tutor também tem que se identificar (Margrit Reni Krug).

Eu penso como professora e profissional na área que, de alguma forma, a EAD incorporou alguns estigmas e alguns paradigmas do ensino presencial e aí está o maior desafio [...] na minha visão, a interatividade, porque é um processo a

distância cujo aluno não pode receber um professor distante [...] porque o aluno tem direito, assim como o professor, de percorrer por metodologias diferenciadas, tecnologias diferenciadas, trabalhar com questões diferenciadas, ou seja, isso é Internet, de dar vida, de colocar parte de vídeos, isso hoje, de alguma forma, nós utilizamos muito pouco (Christiane Martinatti Maia).

Logicamente que no início tudo era novidade, nós não tínhamos todo esse acesso a iPad, iPhone, Internet rápida, então tudo era em um processo bem mais trabalhoso [...] Então eu tive que adquirir habilidades e competências para trabalhar através dos fóruns, tentando personalizar a questão dos e-mails, mudando a linguagem mais técnica, fria, oficial para uma linguagem de proximidade com a outra pessoa que eu não sei onde está, em que realidade está, e como está. Então, nesse sentido, eu tive que me adaptar (Jaime Antônio Nalin).

O tempo, o tempo de elaborar uma unidade de estudo, o tempo de planejamento, porque o material tem que estar preparado com antecedência para o aluno e uma antecedência que não seja tão dura, tão pragmática que o aluno não sinta que tu estás presente [...] esse foi o meu primeiro desafio, encontrar o tom para conseguir convencer o meu aluno de que a professora não é tão distante assim, e também as questões de prazos institucionais, elaboração de provas, elaboração de exercícios, elaboração de exames (Karin Koenig).

Nesse tópico, “Impactos na transição da modalidade presencial para EAD” as diferenciadas visões e dificuldades que os docentes enfrentaram quando do seu ingresso na modalidade, focam principalmente em questões voltadas à interação com os alunos, pois os mesmos veem a importância desse processo no ensino e aprendizagem dos mesmos.

Em relação aos núcleos de sentido, com base nos referenciais escolhidos, aponta-se a seguinte premissa: no entendimento dos docentes, os impactos são distintos uns dos outros, o que gera uma série de Núcleos de Sentido, mas todos se baseiam na qualidade e no aprendizado dos alunos, principalmente em questões que abordam interação e linguagem.

Foram identificados os seguintes núcleos de sentidos:

Aproximação com os alunos através da linguagem - Interação (em 5 depoimentos).

Participação dos alunos - Interação (em 3 depoimentos).

Passividade dos alunos (em 2 depoimentos).

Tempo (em 2 depoimentos).

Diferenças regionais (em 1 depoimento).

Avaliação final presencial (em 1 depoimento).

Novas tecnologias (em 1 depoimento).

Construção do material (em 1 depoimento).

Interação com o Tutor Virtual (em 1 depoimento).

Santos (2003) compreende que por intermédio da mediação, seja através das ferramentas tecnológicas ou da fala ou escrita, é oportunizada a comunicação, como uma via

de mão dupla, em forma de um para um, de um para todos, de todos para um ou e todos para todos e essas interações ficam registradas nos ambientes virtuais de aprendizagem o que, de certa forma, promove a inteligência coletiva.

Já Primo (2003) caracteriza os ambientes virtuais de aprendizagem pelas trocas entre seus atores, seja professor – tutor – aluno, professor – tutor, professor – aluno, tutor – aluno e aluno – aluno, ou seja, através da coletividade, pois, mesmo distantes fisicamente, através das interações síncronas ou assíncronas, é através delas que se mantém o grupo como um todo e, segundo Lévy (1998), através dessas interações, cada ator desse grupo pode se expressar, acompanhar o que os demais publicaram, ler os materiais disponibilizados e, dessa forma, construir de forma colaborativa o conhecimento.

Os ambientes virtuais de aprendizagem, com todo seu aparato de ferramentas, se constituem em espaços de memória virtual, pois possibilitam armazenar e coletivizar as memórias de determinados grupos na grande rede de computadores. Conforme coloca Vargas Mangan (2010), “os novos espaços de memória (virtual) passam a ser repositórios de memória digital cuja informação é socializada através da Internet”, e os ambientes virtuais de aprendizagem se encaixam nesses novos espaços, pois, além de reunir nesse espaço sujeitos dispersos fisicamente, que possuem um interesse em comum, carregam consigo suas individualidades e memórias.

Vargas Mangan (2010) coloca ainda que esses novos espaços de memória virtual constituem “espaços virtuais construídos em um mundo online (ciberespaço), que retratam memórias individuais e coletivas relacionadas tanto ao mundo online quanto ao mundo off-line (vivências fora do ciberespaço)”.

Nos relatos dos docentes entrevistados, constata-se que o maior impacto na transição de modalidade, do presencial ao virtual, está associada à interação, a fazer com que seus alunos façam parte dessa comunidade, ou desse grupo. Cabe ressaltar que os AVA's apresentam ferramentas que possibilitam a comunicação, a troca de informações e a socialização entre os indivíduos.

Se nos ambientes virtuais de aprendizagem existem tais ferramentas, talvez seja necessário investir nos cursos de formação e capacitação para professores na EAD, no sentido de despertar as possibilidades que a mediação e a interação apresentam em fortalecer e intensificar a coletividade e a afetividade, fazendo com que estes grupos criem elos, pois, como Halbwachs (2006) coloca, cada indivíduo carrega sua memória individual que nada mais é do que uma perspectiva sobre a memória coletiva e que esse está associado ao lugar e às relações que ocupo e mantenho com os ambientes.

6.1.4 Boas práticas e relações com os alunos na EAD

Nesta categoria, boas práticas e relações com os alunos na EAD, os docentes entrevistados, com base na questão: como é a sua relação e quais as boas práticas que utiliza para que haja aproximação que desperte um sentimento de pertencimento a um grupo de estudo, os professores relatam as suas experiências, empenho e preocupações com os seus alunos, ao demonstrar que procuram empregar meios para trazer os alunos para dentro de suas salas de aula virtuais e despertar um sentido de pertencimento àquele determinado grupo.

A forma que tu te comunicas com o aluno, é uma forma que precisa ser muito construída e acompanhada de maneira muito próxima, por maior que seja a distância [...] a minha forma de interagir com os alunos foi evoluindo à medida em que fui entendendo esse formato de interação assíncrona [...] eu faço intervenções junto aos alunos e até com os assuntos que eles estão trazendo de modo que aquilo permaneça em debate [...] algo que eu também sempre coloco como assunto geral, é assim, coisas que a gente faz fora do ambiente acadêmico, então, eu gosto de teatro, eu gosto de cinema, eu gosto de ler [...] como se fosse uma conversa de intervalo e ali eu fico colocando sempre assuntos novos, de modo que ele permaneça persistindo ao longo do tempo [...] vamos dizer que um aluno não fez uma atividade avaliativa, eu tenho como monitorar o ambiente dele para ver se ele acessou a plataforma, se ele leu um e-mail que eu mandei no início do semestre, se ele acessou a biblioteca dos conteúdos [...] muitas vezes acontece ao final da primeira atividade avaliativa eu ter alunos que nem acessaram a plataforma, então eu mando um e-mail individual para esse aluno perguntando o motivo pelo qual ele não participou. A gente também tem a possibilidade de falar por telefone [...] essa questão da mobilidade também eu acho interessante, porque ela dá uma liberdade também para o professor, porque eu posso acompanhar os meus alunos onde eu estiver [...] enfim, permite acompanhar os teus alunos de qualquer lugar em que tu estejas (Alexandre Cruz Berg).

Na verdade são vários aspectos [...] primeiro a linguagem, eu não utilizo uma linguagem muito formal quando eu estou interagindo com os alunos, é claro que os textos, os documentos, os materiais têm uma linguagem formal mesmo sendo dialógica. Mas eu procuro utilizar uma linguagem mais próxima deles, como se realmente eu estivesse conversando com eles. Em qualquer comunicado que eu faça, em qualquer e-mail que eu mande, até porque a gente sabe que o texto escrito muitas vezes pode ser interpretado de diversas formas porque ele não tem associado a ele toda a parte da visão corporal ou gestual da pessoa, onde tu consegues saber se aquela pessoa está feliz com aquilo que tu estás falando, se ela está contente, se ela está brava [...] então eu tento suprir isso com uma linguagem mais afetiva, mais próxima dos alunos. Além disso, eu costumo também pedir, se um aluno, por exemplo, me mandar uma mensagem ou uma pergunta por e-mail, para que esse aluno exponha isso no coletivo, seja em um fórum para que eu possa responder não só para ele, mas para todos [...] como se eu estivesse realmente em uma sala de aula, só que não é presencial, ela é virtual, mas é uma sala de aula com outros alunos expondo uma dúvida que possivelmente seja uma dúvida de outros alunos também. Outra postura que eu costumo ter para aproximar os alunos é fazer com que esses alunos consigam sempre saber o que está acontecendo no ambiente [...], por exemplo, a disciplina ocorre em uma segunda-feira em uma instituição que tem dias da semana associados a ela, pode não ter, mas eu posso definir um dia em que eu faça isso, para que eles saibam que sempre naquele dia eles vão receber um comunicado meu, uma agenda do que vai ocorrer na disciplina ao longo daquela

semana [...] Outra questão que eu procuro fazer sempre também, é avisar quando um prazo de uma tarefa está vencendo, eu disponibilizo uma tarefa e sempre aviso isso, segue um comunicado em um e-mail para que eles não tenham uma surpresa ao acessar o ambiente e terem uma tarefa que foi disponibilizada sem eles saberem. Eu penso que essas ações, além de organizar o trabalho a distância ajudam bastante o aluno a conseguir desenvolver um bom trabalho, aproximam também, fazem com que o professor e o aluno se mantenham em contato frequente. Eles têm que saber que estão sempre sendo acompanhados por alguém, por um professor. [...] eu procuro sempre instigar os alunos a discutirem e se percebo que eles estão muito passivos, [...] posto uma participação chamando eles para a conversa, muitas vezes faço isso através de um tópico consolidador por exemplo, onde menciono o nome de cada aluno a que me refiro [...] assim, estou mostrando que estou acompanhando, que estou lendo cada um individualmente que esta participando, acredito que a individualização em um ambiente como esse faz com que o aluno se sinta mais pertencente a uma sala de aula (Patrícia Noll de Mattos).

Eu peço uma integração a mais do aluno, um debate a mais do aluno no fórum, comentando uma questão de outro colega, então ele vai fazer um comentário a respeito do comentário de um ou outro colega [...] a forma com que a gente se coloca perante o aluno, será que o aluno está lendo aquele e-mail, está lendo aquele fórum, ele está entendendo o que a gente está escrevendo [...] eu tento ser o mais informal possível, eu uso as expressões legal, muito bom, muito legal [...] um abraço, com carinho [...] eu utilizo essas expressões informais para trazer o aluno mais próximo, utilizo também textos rápidos, não extensos, porque tenho a impressão de que o aluno não vai ler textos longos [...] então eu coloco pouca informação rápida, direta e informal. Procuro também não utilizar palavras e expressões de difícil entendimento para o aluno (Márcia Cristiane Abreu).

Na instituição que a gente tem o AVA próprio, NetAula, a gente estrutura as disciplinas dentro de um Cronograma de Atividades, então o aluno vai abrir a página dele e vai ter avisos, tem alguns fóruns que serão abertos para o aluno sentir essa sensação de pertencimento à instituição, que é o fórum de apresentação e o fórum de integração. Esses são os espaços nos quais a gente proporciona aos alunos uma integração para que se sintam acolhidos pela instituição, nos quais o aluno se apresenta, a gente se apresenta e tem o fórum de integração que lá o aluno pode interagir livremente. Na minha turma eu costumo dar dicas de livros, dar dicas de filmes, peças de teatro e até mesmo receitas culinárias [...] para que eles possam trazer as suas experiências, que afinal de contas nós temos a instituição em várias regiões do país e tem gente com diferentes sotaques e diferentes formas de pensar [...] A gente tem os chamados fóruns de conteúdo, onde a gente procura fazer provocações, puxando algumas coisas do mundo real para dentro da nossa disciplina, falando sobre assuntos que eles ouvem no rádio, assistem na TV ou mesmo leem em algum jornal, enfim, assuntos que o aluno possa fazer a associação de que isso que ele está encontrando no mundo real está aqui dentro do livro. [...] Na outra instituição em que eu trabalho com o Moodle a gente trabalha com questões, utiliza fóruns [...] lança desafios para eles na ferramenta Wiki, por exemplo, perguntas, ou que tragam uma reportagem de jornal e o pessoal interage (Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt).

O que eu faço em um contato síncrono com o aluno, seja um chat ou uma web conferência, costumo nominalmente perguntar algumas coisas para os alunos [...] outra coisa também que eu acho bem interessante é quando os alunos estão interagindo principalmente de forma textual no chat eu utilizo carinhas de sorriso, que seria eu acho, a expressão em uma sala de aula quando tu falas com alguém, para não ficar somente o texto duro. [...] Eu faço trabalhos em grupo, explorando o sentimento de o aluno pertencer a uma turma, de não se sentir sozinho. [...] Também, como eu faço avaliações semanais, quando eu vejo as notas e o

desempenho de cada aluno, eventualmente eu faço um contato individual com eles [...] hoje aqui na universidade a gente tem uma ferramenta de apoio ao ensino que começou a ser usada no ensino a distância que monitora e mostra dados estatísticos a respeito de cada aluno, se o aluno não está entrando no Moodle, qual a frequência que ele entrou, quando ele entrou, quanto tempo ele ficou, que atividades ele fez, que notas ele tirou, enfim e essa ferramenta permite que a gente se comunique com o aluno. [...] E aí então a gente consegue fazer interações com o aluno do ponto de vista mais pedagógico e não do conteúdo em si, e ele se sente muito acolhido, em geral eles agradecem (Denise Bandeira da Silva).

Primeiro, sempre que tem uma atividade que eles têm que compartilhar com os outros, isso é de praxe [...] uma atividade que eles têm que botar um case que eles passaram ou um case que eles conhecem de outra empresa [...] os colegas vão ler e vão interagir. [...] O professor com o aluno, se eu vejo que ele não está participando eu vou fazer uma chamada nos fóruns de notícias tentando motivar, como na sala de aula presencial [...] então acho que ele começa a ver que ele faz parte e, às vezes, de tanto a gente incentivar [...] evidenciando nominalmente o aluno que participou, mostrando que é importante tu participares de todo o contexto da disciplina (Margrit Reni Krug).

Se o papo é virtual ele já se mostra de alguma forma a distância, distante porque a situação não é esta, só que, na verdade, nós não podemos ser distantes dos alunos, algo que me incomoda profundamente é essa visão mais científica hoje no ensino a distância. Exemplo, as avaliações elas devem ser científicas, elas devem ser teóricas, mas para trazer este aluno eu tenho que ser uma Christiane não mais pesquisadora e científica, mas uma Christiane que cria os vínculos de pertencimento, então uma Christiane afetiva [...] isso se constitui muitas vezes por uma linguagem mais próxima [...] eu tenho um termo que virou chavão que é o famoso, abraços virtuais, desde que eu iniciei os meu abraços virtuais, os alunos adoram, antigamente eram abraços carinhosos – ou seja, eu nunca digo assim – meu excelentíssimo aluno, queridíssimo – não, eu digo – oi pessoal, como é que vocês estão? Foi boa a semana? – e eu coloco – oi Ana Paula, ou Carlos – no e-mail, no fórum, no que é científico eu vou colocar – olha acredito que você possa mudar em tais situações [...] a ideia também de responder à dúvida eu vou lá e coloco, me encaminha por e-mail, qual é a tua dificuldade? Me telefona, me passa o seu telefone que eu te ligo aqui da universidade então isso é importante, há uma pessoa humana do outro lado, não uma máquina, e eu não posso visualizar o aluno como máquina, eu tenho que visualizá-lo como humano que ele é, então a minha ideia de relações, principalmente é diálogo, e o diálogo tem que ser construído de uma forma científica, mas também humana (Christiane Martinatti Maia).

Muito mais na linguagem que eu utilizo, do que propriamente nos recursos, muitos recursos eu sempre procuro utilizar, em vez de a disciplina eu substituo por a nossa sala de aula virtual. É no sentido de caracterizar que é um grupo, é um espaço onde nós estamos inseridos e não é algo distante [...] Então tento transpor para a nossa sala de aula virtual. Porque o termo disciplina parece algo distante, frio. Como eu já falei anteriormente, nos e-mails, tento personalizar mais, nos retornos das atividades que é um problema, são turmas normalmente 40, 50 ou mais alunos então qual é o problema do professor, responder adequadamente, individualmente, a partir do que se produziu. Então qual é o grande problema que nós temos no EAD, é que nós, de certa forma, padronizamos as respostas. Enfim, quando o aluno envia uma atividade, nós padronizamos uma determinada resposta. Então por mais que eu tenha padronizado determinada resposta eu tento identificar o aluno pelo nome – Patrícia, reveja, retome – e aí eu leio a atividade, e de acordo com a leitura, da atividade ou da avaliação que eu realizo, eu tento adequar para que ela perceba que realmente, tem elementos daquela atividade e dificuldades naquela atividade. Para evitar a padronização de respostas, que entre eles, eles sabem, eles se

conversam pelas redes sociais [...] portanto, é uma ilusão o professor achar que os alunos, por fora, não estarão se comunicando e fazendo uma avaliação do próprio trabalho do profissional que é o professor. [...] Nos retornos, eu procuro ser mais informal. Mais informal sem deixar de mencionar aspectos que terão que ser revisitados, revisados, ou mesmo complementados. Então, logicamente que quando eu estou pedindo para revisar isso, para revisar aquilo, é referente a uma informação mais clara, objetiva, acadêmica, científica, mas a linguagem nos retornos é sempre informal (Jaime Antônio Nalin).

Acho que começa pela forma de escrita [...] eu sou muito acolhedora na forma de escrever, nos meus vídeos eu já tenho um jargão que eles brincam comigo sempre termino o vídeo fiquem com meu abraço e faço o gesto do abraço eu mando beijo para o aluno [...] quando eu preciso dar alguma bronca porque, às vezes, eu preciso chamar a turma pra dentro do espaço de aprendizagem, eu também faço isso com ciência do meu papel então eu sou a professora deles [...] então eu escrevo acolhendo, eu dou bronca acolhendo, eu gravo acolhendo eu interajo pedindo que eles se percebam enquanto colegas [...] que não respondam a um fórum lendo apenas o que a professora pediu e respondendo automaticamente, mas, vamos ler o que o colega também percebeu, vamos tirar a dúvida lendo a dúvida do colega também, vamos ajudar o colega respondendo à dúvida para o colega [...] quando isto acontece, eu vou elogio, eu agradeço a eles [...] é nesse sentido, eu faço a turma pertencer ao grupo mesmo e também assim eu dou muito valor a atividades em que coloquem eles em prática na rua, construindo um brinquedo, fazendo uma entrevista, então eu quero colocar eles no mundo, fazendo com que eles percebam que Educação a Distância também envolve participação no mundo não é eu e o computador sozinho (Karin Koenig).

Este tópico indica que, ao longo das narrativas dos professores, eles mencionam cursos de capacitação em EAD ou formação continuada, mas muitos deles apresentam nas entrelinhas que aprenderam as boas práticas que utilizam com seus alunos e suas relações, através de tentativas e erros, até encontrar os caminhos mais adequados para proporcionar um aprendizado efetivo para os seus alunos.

Novamente, em relação aos núcleos de sentido, baseado nos referenciais escolhidos aponta-se a seguinte premissa: no entendimento dos docentes, algumas boas práticas são comuns e já são utilizadas por vários docentes, porém, outras ainda se mantêm apenas nas relações entre os docentes e suas turmas de alunos.

Foram abordados os seguintes Núcleos de Sentido:

Linguagens próximas, bem construídas, informais e afetivas (em 9 depoimentos).

Resgatar alunos que não estão participando (em 5 depoimentos).

Propostas de fóruns mais descontraídas (em 4 depoimentos).

Individualizar as respostas através do nome do aluno (em 3 depoimentos).

Incentivar o uso do telefone (em 2 depoimentos).

Integração obrigatória entre os alunos nos fóruns (em 2 depoimentos).

Trabalhos em grupo (em 2 depoimentos).

Atividades que tragam o aluno para o mundo real (em 2 depoimentos).

Utilização de agenda semanal (em 1 depoimento).

Chamadas para atividades que estão encerrando (em 1 depoimento).

Contatos síncronos – *chats* e *web* conferências (em 1 depoimento).

Mobilidade do professor possibilitando atender o aluno de onde for (em 1 depoimento).

Segundo Tori (2010), na Educação a Distância o professor deve conduzir a aprendizagem dos alunos através de interações e também observar a autonomia desse aluno nesse processo. Deve ainda orientar e supervisionar a aprendizagem do aluno. Ao professor cabe ainda manter o interesse e a atenção de seus alunos nas atividades, avaliativas ou não, e incentivá-los a buscar autonomia na construção do conhecimento e no desenvolvimento de suas responsabilidades.

Conforme os “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância” (BRASIL, 2007), constituem-se atribuições do professor:

- a) estabelecer os fundamentos teóricos do projeto;
- b) selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas;
- c) identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes;
- d) definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares;
- e) elaborar o material didático para programas a distância;
- f) realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular, motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes;
- g) avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de Ensino Superior a Distância.

Nas explanações dos docentes, constata-se que suas memórias são coletivas, entre eles e seus alunos enquanto um grupo de estudos, pois, como coloca Halbwachs (2006), as memórias estão condicionadas à preservação dos grupos, são os elos entre seus sujeitos que fazem com que a memória coletiva exista e se mantenha viva. Pode-se perceber ainda que os docentes, além de primar pelos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, ainda procuram experienciar novas técnicas e métodos de alcançar seus alunos e promover significativas aprendizagens.

6.1.5 Diferentes papéis do professor EAD

Os diferentes papéis do professor EAD não foi uma categoria construída através de uma questão específica encontrada no roteiro geral, mas sim do cruzamento das questões nele abordadas com o estudo do currículo de cada entrevistado, onde se pode comprovar que todos os docentes entrevistados não atuaram na Educação a Distância apenas como professores, mas também como professores conteudistas.

Ministrei essa disciplina no primeiro semestre, como piloto, só para ver como os alunos se interessariam e como isso ocorreria a distância [...] nós temos um formato que é escrever o material em formato de livro e esse livro didático é oferecido tanto no formato impresso quanto no formato de E-book disponível na plataforma [...] quando eu escrevi o primeiro material não tinha isso ainda de videoaulas na instituição, só começou a ter quando os cursos foram ofertados totalmente a distância e aí eu escrevi o livro e fui convidado a gravar a videoaula (Alexandre Cruz Berg).

Eu fui convidada para escrever uma disciplina para os cursos totalmente EAD, que foi Informática Aplicada e, ao mesmo tempo, o convite se estendia para que eu fosse professora dessa disciplina [...] na maior parte das disciplinas que eu escrevi livro eu acabei gravando as videoaulas também (Patrícia Noll de Mattos).

Através dos cursos e capacitações, onde nos ensinavam sobre a utilização das plataformas, os fóruns, as avaliações a distância [...] enfim toda a cara da disciplina, assim se deu o meu ingresso como professora na EAD [...] escrever materiais para as instituições que atuo e são realidades diferentes [...] nós fomos gravar uma videoaula em Curitiba, fiquei uma semana lá (Márcia Cristiane Abreu).

Eu fiz o curso de capacitação em 2005 com EAD, e logo em seguida me pediram para escrever um livro e comecei a pegar duas turmas na plataforma, enfim, comecei a interagir com os alunos nas salas virtuais [...] A primeira vez que a gente gravou videoaula foi em uma produtora em Curitiba (Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt).

Eu no início tive uma vontade, porque eu gosto muito de tecnologia, eu gosto muito da interação por meio de recursos tecnológicos e eu ministrava uma disciplina de banco de dados na modalidade presencial [...] então nós resolvemos ofertar essa como uma das possibilidades de ensino a distância [...] então, assim que se deu o ingresso e até hoje continuo no EAD. [...] “no nosso modelo, a gente desenvolve o conteúdo, todo o material que vai para o aluno, inclusive um livro que a gente edita pela editora da universidade, para o aluno ter o conteúdo geral da disciplina [...] até hoje funciona assim, cada disciplina ministrada tem que ter no mínimo três videoaulas, hoje pode ter mais, enfim, então nós gravamos para alguns conteúdos videoaulas adicionais (Denise Bandeira da Silva).

“Eu escrevi o material, preparei a disciplina e fui convidada a ministrar [...] gravar as videoaulas foi bastante diferente, porque a gente tem o apoio da TV, então se tu segues aquele script é tranquilo” (Margrit Reni Krug).

Em 2003 nós iniciamos uma modalidade que hoje se chama conectado e em 2003 eu comecei a escrever algumas disciplinas para o conectado e na época assumi com algumas colegas [...] a primeira disciplina de sociologia da educação [...] quanto às videoaulas, apesar de dizerem – gravem umas atividades práticas, gravem atividades diferenciadas [...] quando fui gravar as videoaulas eu procurei um roteiro diferente do capítulo do texto (Cristiane Martinatti Maia).

Olha, quando eu comecei a trabalhar como professor na educação a distância [...] eu já tinha muitos anos de ensino presencial [...] como professor conteudista sim [...] o material produzido e as informações produzidas na modalidade EAD nessa instituição em que eu tenho trabalhado, eu tenho um mesclado, questões científicas de lógica, coerência, citações, menção a autores, mas também de uma forma direta, personalizada: Olá! Veja bem! [...] gravação de videoaulas não [...] apenas pequenos vídeos motivacionais, de apresentação, mas não como uma disciplina do início ao fim desenvolvendo todos os conteúdos do programa da tal disciplina, isso não ocorreu (Jaime Antônio Nalin).

Hoje eu trabalho como docente da FACOS na Educação a Distância e também na Educação Presencial do curso de pedagogia [...] tive também experiência de conteudista que é diferente da minha experiência do dia a dia, porque o conteudista tem um prazo, tem um contrato formalizado e, de certa forma, atrapalha um pouco, eu, eu não gostei muito de ser conteudista [...] já a gravação de videoaulas eu adoro e faço muitas [...] porque no nosso ambiente a gente tem uma forma de acolhimento por gravação também, então a gente tem sempre a gravação da apresentação da disciplina, a gravação da apresentação da unidade, porque trabalhamos com unidades de estudo, geralmente de oitenta horas, então para cada dez horas tem uma unidade sendo escrita e gravada (Karin Koenig).

Fica clara, através dos testemunhos dos docentes entrevistados, a compreensão dos diferentes papéis que o professor pode exercer em cursos na modalidade de Educação a Distância.

Em termos de núcleo de sentido, com base nos referenciais escolhidos, aponta-se a seguinte premissa: no entendimento dos docentes, foi unânime a diferença das atribuições entre o professor, que interage com os alunos em uma sala virtual e o professor conteudista. Também ficou claro que as funções do professor conteudista são subdivididas entre os profissionais que escrevem o material e os que gravam as videoaulas.

Foram identificados os seguintes núcleos de sentidos:

Figura do Professor (em 9 depoimentos).

Figura do Professor Conteudista (em 9 depoimentos).

Em relação à figura do professor conteudista, foram identificados os docentes que escrevem o material didático (em 9 depoimentos) e os que gravam videoaulas (em 8 depoimentos).

Inicialmente, os núcleos de sentido em relação à atuação docente na EAD são validados por Grützmänn (2013), quando afirma que a modalidade a distância, coexiste

através da atuação integrada de vários profissionais como o professor, professor conteudista, tutor virtual, tutor presencial, *web designer*, orientador, equipe responsável pelo ambiente virtual de aprendizagem, coordenadores (as), secretárias (os), entre outros.

Embora Grützmann (2013) diferencie a atuação dos diversos profissionais que atuam na Educação a Distância, ao focar na atuação docente, o autor apresenta as funções de professor e professor conteudista apenas. Já a análise dos relatos dos docentes entrevistados, permite-nos dividir as funções do professor conteudista em: professores que escrevem os conteúdos e professores que gravam as videoaulas, pois, segundo os mesmos, tais funções nem sempre estão atreladas.

Nos núcleos de sentido, a figura do professor e do professor conteudista é destacada nos depoimentos de todos os docentes (9 depoimentos). Tratando-se dos professores que escrevem os materiais didáticos, são apresentados em 9 depoimentos, já dos professores que gravam as videoaulas, são apresentados em 8 depoimentos, ou seja, um docente se define como professor conteudista que apenas escreve conteúdos para a EAD. Nas entrelinhas das entrevistas temáticas, fica claro que os convites para escrever e gravar não são recebidos com o mesmo entusiasmo pelos docentes.

Ainda, conforme mencionado pelos entrevistados, o professor pode ser um excelente escritor de conteúdos, mas pode não ser aprovado nos testes de gravação de videoaulas pelas produtoras. Muitas vezes, esses professores são substituídos por colegas ou mesmo por jornalistas ou atores.

Como colocado no início dessa seção, este núcleo de sentido não partiu de uma questão específica do roteiro geral, mas sim da individualização dos roteiros, ou seja, o roteiro individual “decorre do cruzamento do roteiro geral com os resultados da pesquisa biográfica sobre o entrevistado” (ALBERTI, 2005, p. 92). Ao estudar os currículos dos entrevistados, a construção de conteúdos para a EAD é comum a todos, dessa forma foi criada a categoria “Diferentes papéis do professor EAD”, pois, segundo Alberti (2005, p. 89), “devem-se considerar os dados biográficos do entrevistado quando da elaboração do roteiro da entrevista, a fim de obter melhores resultados no momento de sua realização”.

6.1.6 Ferramentas mais utilizadas nos AVA's para o ensino na EAD

Esta categoria foi construída com base na questão: quais as principais ferramentas disponíveis no AVA que você utiliza na interação com os alunos? A pergunta, embora ampla, apresenta as mais variadas ferramentas e recursos disponibilizados pelos ambientes virtuais de

aprendizagem de diversas universidades, que são mais empregadas e utilizadas pelos entrevistados em suas atuações docentes na Educação a Distância.

No AVA que uso a interação com os alunos é realizada de várias maneiras. A mais tradicional é o e-mail, que pode ser enviado a partir de opção própria ou através de um clique na foto do aluno. Há também os fóruns que possibilitam interação. Destaco o de dúvidas, pois quando um aluno coloca sua questão ali a resposta dada a ele é lida pelos outros, que poderiam ter a mesma dúvida. Há o de apresentação, de discussão de conteúdos, onde coloco um assunto para reflexão e os provoco a postarem suas opiniões. [...] É importante pontuar que as informações são fundamentais na interação virtual e os fóruns informativos sempre trazem recados e avisos de grande valia para os acadêmicos. Esses também estão presentes na ferramenta de avisos (Alexandre Cruz Berg).

Na interação com os alunos, principalmente a ferramenta fórum, claro que eu utilizo e-mails ou, dependendo do ambiente, uma postagem como um comunicado, uma notícia [...] uma forma interessante que eu utilizo o fórum, às vezes, é tornando-o síncrono, onde eu posso combinar então um horário com os alunos e eu desenvolvo uma proposta naquele fórum mas eu estou online com eles naquele momento [...] é a utilização de uma ferramenta assíncrona de forma síncrona [...] eu também utilizo o chat em alguns momentos, que é uma ferramenta síncrona. [...] Outra ferramenta que eu utilizo, mas é mais na segunda instituição, é a ferramenta de web conferência [...] De ferramentas de interação eu acredito que sejam essas, eu já utilizei também o Wiki algumas vezes, porém mais fortemente seria o fórum, o chat e web conferência e os avisos de forma geral (Patrícia Noll de Mattos).

Eu vejo assim, é muito utilizado o e-mail [...] os alunos utilizam muito o e-mail como ferramenta para se integrar ou para perguntar então, para mim o e-mail ainda é a ferramenta principal de comunicação [...] os fóruns de dúvidas, por exemplo, eles se reportam ao fórum de dúvidas, mas alguns enviam a dúvida postada no fórum por e-mail, parece que o e-mail é uma confirmação do fórum [...] tem os avisos, o mural de recados, os chats. Em outra instituição onde eu trabalho, nós temos o horário do chat onde tu estás ali disponível, dentro de um determinado tempo para verificar se o aluno tem dúvidas [...] a utilização da web conferência eu acho muito interessante, ela tem que ser feita de uma maneira muito organizada, a ferramenta tem que funcionar [...] é uma hora marcada da web conferência e acredito na importância do tempo, pois mais de uma hora de web conferência tanto o aluno quanto o professor cansam [...] uma hora é o tempo ideal para refletir sobre algum assunto referente ao conteúdo da disciplina (Márcia Cristiane Abreu).

Ferramentas que eu mais utilizo, no Moodle nós temos uma ferramenta na qual tu lanças um tópico e vais permitindo que o aluno vá construindo e aí forma um texto colaborativo, através da ferramenta Wiki. [...] o chat, em que eu me comunico duas vezes por semana, que são os dias que eu tenho plantão presencial [...] os fóruns te possibilitam a comunicação com todos ao mesmo tempo e tu podes, respondendo à dúvida de um, responder à dúvida de vários outros [...] a ferramenta avaliação é normal, sem problema nenhum, para fins avaliativos e o e-mail (Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt).

Eu utilizo semanalmente o chat, a web conferência, e utilizo muito os fóruns porque eu acho [...] que ali fica um histórico de uma construção do raciocínio seja pelos alunos com a intervenção do professor, com a intervenção dos alunos com eles mesmos, então acho que ali fica um histórico disso, da formulação de um raciocínio

[...] eu uso um recurso hoje no Moodle [...] achei muito interessante que é o restringir acesso dos alunos a alguns materiais de acordo com o que eles fazem antes, por exemplo, eu abro o módulo da semana mas eu só libero a atividade avaliativa depois de o aluno ter, por exemplo, obtido uma determinada nota em uma tarefa anterior que é apenas uma revisão de conceitos [...] que é uma espécie de um quiz onde ele tem que responder e já tem uma nota imediatamente [...] Eu procuro fazer questionários de resposta automática com questões, por exemplo, de múltipla escolha, bem elaboradas, para que realmente se consiga verificar se o aluno compreendeu o conteúdo (Denise Bandeira da Silva).

“Nós temos chats, que a gente pode marcar [...] fóruns [...] web conferências [...] a web conferência é interessante, porque a gente pode pedir para o aluno ampliar a câmera e podemos ver os alunos e eles também nos veem” (Margrit Reni Krug).

“Nós utilizamos os fóruns, os e-mails, a questão das avaliações são discursivas e objetivas, dentro destes fóruns eu tenho por hábito botar momentos de integração, atividades, vídeos, filmes, ali eu vou abastecendo para a parte prática” (Christiane Martinatti Maia).

É complicado, porque muito diferente das redes sociais há um caráter de obrigatoriedade em chats, em fóruns, então todo esse processo de interação não é tão natural e, muitas vezes, são de uma mão única do professor em relação ao aluno [...] os fóruns de debates, sobre determinada temática também, o aluno busca responder somente ao que foi solicitado, mas não faz ganchos, relações e comparações com postagens anteriores de colegas ou mesmo de professores (Jaime Antônio Nalin).

O fórum de discussão. Porque eu tenho tentado elaborar fóruns em que os alunos se percebam enquanto colegas, percebam a presença do tutor enquanto aquele que faz as mediações, e também da professora que sou eu que nem sempre vai estar presente nestes fóruns, mas que também faz a leitura dos mesmos e também busca problematizar [...] Também o espaço de mensagens, que é privativo, pois há os alunos que não gostam de expor determinadas situações (Karin Koenig).

No tópico “Ferramentas mais utilizadas nos AVA’s para o ensino na EAD”, os docentes apresentaram não apenas uma ferramenta, mas elencaram várias que mais utilizam no dia a dia em suas salas virtuais.

Em termos de núcleos de sentido, com base nos referenciais escolhidos, aponta-se a seguinte premissa: no entendimento dos docentes, cada um elencou as ferramentas que mais utiliza. Isso gerou novamente uma série de Núcleos de Sentido.

Ferramenta de fórum (em 9 depoimentos).

Ferramenta de *E-mail* (em 6 depoimentos).

Ferramenta de *chat* (em 6 depoimentos).

Atividades interativas corrigidas *online* (em 3 depoimentos).

Ferramenta Wiki (em 2 depoimentos).

Web conferências (em 4 depoimentos).

Ferramenta de avisos (em 3 depoimentos).

Ferramentas de notícias (em 1 depoimento).

Esses resultados se ajustam com o último censo publicado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), CENSO.EAD.BR 2013 (2014), onde, nos resultados apresentados nos recursos e ferramentas mais utilizados pelas IES, em primeiro lugar, empatados estão a Ferramenta Fórum e a Ferramenta *E-mail*, na terceira colocação é apresentada a Ferramenta de *chat* e na quarta posição é apresentada a ferramenta *Wiki*. As atividades interativas corrigidas online podem não ser consideradas como ferramentas de interação para alguns docentes e nos resultados do CENSO.EAD.BR 2013 ficou com a terceira colocação, enquanto, no resultado apresentado através da consulta aos docentes entrevistados, ficou com a quarta colocação.

Web conferência, Ferramenta de avisos e Ferramentas de notícias, podem se encaixar na categoria Outros do Censo realizado pela ABED que assume a última colocação na tabela (CENSO.EAD.BR 2013, 2014).

Nesta categoria também se evidencia a memória coletiva dos professores, pois suas respostas são baseadas nos grupos que fazem parte, nesse caso, com seus alunos, através de suas disciplinas e salas virtuais. É importante salientar que a dinâmica evolutiva em relação às tecnologias da informação e da comunicação faz com que a construção do conhecimento no ciberespaço ocorra de forma coletiva e colaborativa e as informações são constantemente construídas e reconstruídas (DODEBEI, 2009).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto teve como proposta investigar, por meio da memória social de professores de Instituições de Ensino Superiores privadas gaúchas, como se verificou o seu ingresso e a sua trajetória na modalidade de Educação a Distância e quais os principais impactos provocados em suas atuações profissionais. Para isso, foram realizadas entrevistas temáticas com nove professores que atuam e/ou atuaram em Cursos de Graduação totalmente a distância no Estado do Rio Grande do Sul em Instituições de Ensino Superior privadas diferenciadas.

As narrativas desses docentes, realmente surpreenderam este pesquisador, pois são muito ricas em relação às suas vivências e experiências, tanto na modalidade presencial, quanto na modalidade a distância, o que levou este pesquisador a mergulhar em suas memórias, quando da realização das entrevistas. Ouvir professores com muita ou pouca experiência, com muito ou pouco tempo de atuação, muito ou pouco satisfeitos com a modalidade ou com suas instituições, foi muito produtivo e em determinadas ocasiões provocou momentos tensos.

É impressionante estar frente a profissionais tão conceituados na comunidade acadêmica, acostumados a falar sobre suas respectivas áreas de conhecimento, para várias turmas de alunos, auditórios lotados e constatar a vontade e o empenho que tiveram em rememorar e falar a respeito de suas trajetórias acadêmicas.

A pesquisa teve como base duas questões norteadoras, ambas apresentadas no Capítulo 1. A primeira: “Quais os maiores desafios enfrentados pelos docentes na mudança de modalidade de educação?” E a segunda: “Quais os impactos na atuação profissional dos docentes que passaram a atuar na modalidade EAD?”.

Em relação à primeira questão norteadora, os docentes destacaram grandes preocupações com o aprendizado de seus alunos, pois muitos não se sentiam preparados para ingressar na modalidade e, no início, alguns nem acreditavam que essa modalidade iria dar certo. Então suas maiores preocupações eram voltadas à interação, ou seja, como, através de ferramentas tecnológicas, conseguiriam exercer a mesma função que exerciam em uma sala de aula presencial, como seria o processo de aprendizagem daqueles alunos, sentados sozinhos na frente de um computador, sem contato físico, sem o olho no olho.

Com o tempo e as experiências, a visão desses docentes foi modificando, e através de suas narrativas passaram suas experiências e vivências, enquanto professores da modalidade

de Educação a Distância, podendo ser considerados referências para profissionais em atuação e novos profissionais da área da educação.

E em relação à segunda questão norteadora, esses professores começaram a ver as possibilidades que as tecnologias poderiam agregar em suas atuações profissionais nas salas de aula presenciais e também começaram a enxergar seus alunos presenciais de outra forma. Na Educação a Distância conseguem vislumbrar alunos autônomos, focados, estudando, questionando, buscando novas informações, novos saberes e do outro, alunos sentados em suas classes esperando o conhecimento passivamente de forma “mastigada”, ou seja, totalmente dependentes da figura do professor.

Esse despertar, esse novo olhar que a experiência com a Educação a Distância propiciou a esses docentes, realmente impactou e agregou muito nas suas atuações profissionais, pois, segundo eles, tornaram suas aulas mais dinâmicas e ampliou suas visões a respeito da educação.

Além dessas questões norteadoras, no roteiro geral foram abordados uma série de outros assuntos relacionados, que praticamente comporiam outro projeto. Assuntos como perfil do professor presencial, perfil do professor EAD, perfil do aluno presencial, perfil do aluno EAD, atribuições do tutor virtual, novas tecnologias, entre outras, foram levantados e amplamente explanados pelos docentes.

Em relação ao objetivo geral que é conhecer, a partir das memórias de professores com atuação prévia na docência em cursos superiores presenciais, como ocorreu a passagem para os cursos superiores na modalidade a distância e aos objetivos específicos deste projeto: apresentar, brevemente, a história da EAD e sua evolução no Brasil; colher, registrar e analisar os testemunhos dos professores em atuação na modalidade presencial e que atuam e/ou atuaram na modalidade a distância; identificar os desafios enfrentados pelos docentes na mudança de modalidade de educação e compreender como a mudança de modalidade impactou suas atuações profissionais, igualmente apresentados no capítulo 1, foram plenamente atendidos a partir da pesquisa bibliográfica e documental e da análise das nove entrevistas temáticas realizadas.

Trata-se de um material rico que permitirá a outros professores e pesquisadores novas reflexões sobre esta temática, agora sob o olhar dos professores atuantes na Educação a Distância.

Como o Mestrado Profissional exige, além desta dissertação, um produto final, esse produto é o MemorialEAD (Apêndice F), um *website* estruturado para dialogar com as redes sociais. Além do conteúdo já inserido, o site publicará partes das entrevistas apresentadas por

esses docentes, como já é apresentado no produto final desse mestrado (Apêndice F), de forma periódica ao longo dos meses de maio, junho e julho.

Como perspectivas futuras, esse estudo certamente não se encerra por aqui, é um projeto contínuo e mais amplo. O MemorialEAD (Apêndice F) tem a pretensão de se tornar uma empresa e continuar colhendo testemunhos de professores que atuem em todos os formatos apresentados na EAD: cursos de extensão, cursos de graduação e de pós-graduação totalmente a distância, disciplinas ofertadas nos 20 por cento a distância, cursos livres, entre outros, e nas demais Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Além de colher relatos de docentes, pretende-se dialogar também com pesquisadores, gestores, alunos, tutores virtuais e presenciais, para que se possam desenvolver discussões acerca das metodologias atuais empregadas na Educação a Distância e sua legislação, que ainda apresenta grandes falhas. Com isso, pretende-se tornar o MemorialEAD (Apêndice F) uma referência na Educação a Distância no Brasil e também aproximar a comunidade em geral dessa modalidade de ensino que tem tudo para democratizar a educação no Brasil, isso se for feita de maneira séria e responsável.

REFERÊNCIAS

- ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR 2013**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. Curitiba: Ibpex, 2014.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, Cláudia Zamboni de et al. **Ambiente virtual de aprendizagem**: uma proposta para autonomia e cooperação na disciplina de informática, 2001. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~sbie2001/figuras/artigos/a2001/a201.htm>> Acesso em: 07 abr. 2015.
- ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 9-13.
- AXT, Gunter. A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público. **MÉTIS: história & cultura**, v. 12, n. 24, p. 64-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2338>>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- BALZANDA, Renata Francisco. A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: **Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 6. Brasília: NP-Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/639602976673672509545164302393_93812902.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2015.
- BARCELLOS, Jorge. **O Memorial como instituição no sistema de Museus**: conceitos e práticas na busca de um conteúdo. 1999. Disponível em: <http://www.academia.edu/2251539/O_MEMORIAL_COMO_INSTITUI%C3%87%C3%83O_NO_SISTEMA_DE_MUSEUS>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- BARRETO, Hugo. Aprendizagem por televisão. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 449-455.
- BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil - Vol. I – Séculos XVI ao XVIII**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Vozes, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil - Vol. II - Séc. XIX**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Vozes, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil - Vol. III - Séc. XX**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Vozes, 2005.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, (Coleção Obras Escolhidas).

BIANCO, Nelia R. Del. Aprendizagem por rádio. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 56-64.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 4.059**, de 10 de dezembro de 2004. Brasília, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 5.622**, de 19 de dezembro de 2005.

BRASIL. **Decreto nº 5.773**, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5773.htm>. Acesso em: 28 mar. 2015.

BRASIL. MEC/SEED/2007. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

CARLINI, Alda Luiza; TARCIA, Rita Maria Lino. **20% a distância e agora?** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

CIAGA - Centro de Instrução Almirante Graça Aranha. **Centro de Educação a Distância**. Disponível em: <<http://www.mar.mil.br/ciaga/ead/site/home.html>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

CONSTANTE, Robson da Silva. **Blog Memória Digital do Laboratório 24 Horas do Curso Ciência da Computação do Unilasalle Canoas-RS**. 2013. 103 f. Dissertação do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle – Unilasalle, Canoas, 2013.

CORDEIRO, Bernardete M. P.; ROSA, Cynthia; FREITAS, Marilene de. Educação a Distância e o conteudista: uma relação dialógica. IN: **Seminário Nacional em Educação a Distância: apoio ao aluno para sucesso da aprendizagem**, 2006, Brasília – DF. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc034.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

CORTELAZZO, I. B. de C. Tutoria e autoria: novas funções provocando novos desafios na Educação a Distância. **EccoS**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 307-325, jul./dez. 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DODEBEI, Vera. Patrimônio digital: objeto virtual de qual memória? In: Cicero Galeno Lopes et al. (Orgs.). **Memórias e Cultura: perspectivas transdisciplinares**. Canoas: Salles, 2009. p. 255-270.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONDAR, Jô. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GRÜTZMANN, Thaís Philipsen. O ser tutor na Educação a Distância e sua participação na equipe polidocente. In: **V Seminário Internacional de Educação a Distância**, 2013, Belo Horizonte. Meios, Atores e Processos. Belo Horizonte, 2013, p. 217-227.

GUAREZI, R. C. M; MATOS, M. M. **Educação a Distância sem segredos**. Curitiba: Ibpx, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Título original: *La Mémoire Collective*.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior: 2013** – resumo técnico. – Brasília: INEP, 2014.

INSTITUTO MONITOR. **Cursos a distância**. Disponível em: <<http://www.instituto-monitor.com.br/Cursos-a-distancia.aspx>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

IPAE – Instituto de Pesquisas e Administração da Educação. **Instituições de ensino superior credenciadas para programas de Educação a Distância**. Disponível em: <<http://www.ipae.com.br/ead/credenciadas.html>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

KEEGAN, Desmond. **Foundations of distance education**. 3. ed. London: Routledge, 1986.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 1993. (Coleção TRANS)

LÉVY, Pierre. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2003.

LÉVY, P. A memória como processo no tempo presente. In: CASALEGNO, Federico. **Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Marcos Maciel (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Marcos Maciel (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte, volume 2**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MARÇULA, Marcelo; BENINI FILHO, Pio Armando. **Informática: conceitos e aplicações**. 2. ed. São Paulo: Érica, 2007.

MARQUES, Camila. Educação: Ensino a Distância começou com cartas aos agricultores. **Folha OnLine**, 29 set. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u396511.shtml>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

MARTINS, Mara Lúcia. Roquette Pinto: o precursor da educação no rádio. **Revista Educação**, 2005. ISSN: 1984-6290. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_06.html>. Acesso em: 24 mar. 2015.

MATTAR, João. **Guia da Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning: Portal Educação, 2011.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social; teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOLINA, Vera Gorri, VALENTIN, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. **Revista EDICIC**, v.1, n.1, p.262-276, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.edicic.org/revista/index.php>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

MOORE, M.G., KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

MOREIRA, João Flávio de Castro. **Os Telecursos da Rede Globo: a mídia televisiva nos sistemas de Educação a Distância (1978-1998)**. 2006. 170f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, História Social, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006.

MOTA, Ronaldo. A Universidade Aberta do Brasil. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 297-303.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10. São Paulo: PUCSP, 1993.

PALHARES, Roberto. Aprendizagem por correspondência. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 48-55.

PETRY, André. O berço do Big Data: a monumental abundância de dados, sua variedade e velocidade com que trafegam no universo digital estão revolucionando a civilização. **Revista Veja**, São Paulo, ed. 2321, p. 71-81, mai. 2013.

PIERANTI, Octavio Pena. **Políticas públicas para radiodifusão e imprensa**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2007.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional**. 292p. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
 RABELLO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan.-mar. 2011.

RABELLO, Rafaela Prata; MUSSE, Christina Ferraz. Maria do Resguardo: o blog como lugar da memória de Juiz de Fora. In: **IV Encontro Nacional da Ulepicc**, Rio de Janeiro: Ulepicc, 2012. Disponível em: <http://ulepiccbrasil4.com.br/anais/pdf/gt2/RABELLO,_MUSSE_maria_do_resguardo_-_o_blog_como_lugar_da_memoria_de_juiz_de_fora.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

RECUERO, Raquel. ZAGO Gabriela. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informação no twitter. **Revista Fronteiras- estudos midiáticos**. Unisinos, São Leopoldo. n.12. P. 69-81, mai/ago, 2010. Disponível: <<http://www.fronteiras.unisinos.br/pdf/88.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. 1. ed. Campinas – SP: Unicamp, 2007.

SANTOS. Edméa Oliveira. Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livres, plurais e gratuitas. In: **Revista FAEBA**, v.12, Nº. 18. 2003.

SILVA, Robson Santos da. **Gestão de EAD: Educação a Distância na era digital**. 1. ed. São Paulo – SP: Ed: Novatec. 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O Conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador - BA: UNEB, 2006.

SOUZA, Graziela Santana de; LEAL, Tiago Anderson Carneiro e Silva. Educação a distância no Brasil: mudança social e tecnológica. **Administradores.com**, 20 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/educacao-a-distancia-no-brasil-mudanca-social-e-tecnologica/45755/>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

SOUZA, Mathias Gonzalez de In: SENAED – Seminário Nacional ABED de Educação a Distância, 4, 2006, Brasília/DF. Limites e possibilidades do rádio na Educação a Distância. **Anais eletrônicos, ABED**, 2006. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc013.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

TARCIA, Rita Maria Lino; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O novo papel do professor na EAD. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**, volume 2. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. p. 148-153.

TORI, Romero. **Educação sem Distância: as tecnologias interativas na redução de disciplinas em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

FURINI, Liana Gross; TIETZMANN, Roberto; VALIATI Vanessa. Aceleração e transformações: marcas da tecnologia digital para além da imagem cinematográfica. In: **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Manaus, AM, 2013.

VALENTE, João Armando. Aprendizagem por computador sem ligação à rede. Frederic Michael Litto, Marcos Maciel Formiga (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 65-71.

VARGAS MANGAN, Patrícia Kayser. Construção e memórias digitais virtuais no ciberespaço. In: Maria Cristina C. de C. França, Cicero Galeno Lopes, Zilá Bernd (orgs.). **Patrimônios Culturais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010. p. 170-184.

VIEIRA, Ana Maria da Costa Leitão. Os Memoriais são um novo gênero de museu? **Revista Museu**. Rio de Janeiro: RM, 16 mai. 2011. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=28640>. Acesso em: 10 jun. 2014.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Educação a Distância e Tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história. **Revista Magistro**, 2010. ISSN: 2178-7956. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1197/801> >. Acesso em: 5 abr. 2015.

APÊNDICE A – Roteiro Geral

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS
Dissertação de Curso

HISTÓRIA ORAL

PROJETO: VOZES E MEMÓRIAS DOCENTES: A TRAJETÓRIA ENTRE A MODALIDADE PRESENCIAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS DO RS.

NOME: _____

TEMPO DE DOCÊNCIA EM IES: _____

TEMPO DE DOCÊNCIA EM EAD: _____

DATA: ____ / ____ / _____

1. Como foi o início de sua carreira docente em Instituições de Ensino Superior?
2. Quando e como ocorreu o seu ingresso na modalidade a distância?
3. Como foi a sua trajetória na EAD?
4. Quais os maiores desafios que enfrentou nessa mudança de modalidade de educação?
5. Quais as principais ferramentas disponíveis no AVA que você utiliza na interação com os alunos?
6. Como é a sua relação e quais as boas práticas que utiliza para que haja aproximação que desperte um sentimento de pertencimento a um grupo de estudo?
7. Como acompanha efetivamente o aprendizado de seus alunos?
8. De que forma sua atuação na modalidade a distância influenciou a sua atuação profissional?

APÊNDICE B – Ficha Técnica da Entrevista

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS
Dissertação de Curso

FICHA TÉCNICA*Ficha Técnica*

Tipo de Entrevista:

Entrevistador:

Levantamento de Dados:

Pesquisa e Elaboração do Roteiro:

Transcrição:

Conferência da Transcrição:

Local:

Data:

Horário:

Duração:

Número de Páginas:

Observações Iniciais do Pesquisador:

Temas:

Nome do Pesquisador

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS Dissertação de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, (nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG), estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado **Vozes e Memórias Docentes: a trajetória entre a modalidade presencial e a Educação a Distância na percepção de professores de instituições de ensino superior privadas no RS**, cujo objetivo principal é conhecer, a partir das memórias de professores com atuação prévia na docência em cursos superiores presenciais, como foi a experiência em cursos superiores na modalidade a distância, e cujos objetivos específicos são: apresentar brevemente a história da EAD e sua evolução no Brasil, colher, registrar e analisar os testemunhos dos professores com experiência em cursos superiores na modalidade presencial e que atuam e/ou atuaram em cursos superiores em EAD, identificar os desafios enfrentados pelos docentes na mudança de modalidade de educação e compreender como a mudança de modalidade impactou suas atuações profissionais.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista, gravada através de áudio, sobre as memórias na trajetória da minha atuação em cursos de graduação superior presencial ao atuar em cursos de graduação em EAD.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: projetar as vozes e experiências dos docentes, auxiliar na qualificação tanto dos docentes em atividade quanto dos novos nas suas jornadas profissionais, aproximar a comunidade que almeja realizar um curso superior com qualidade sem, necessariamente, se deslocar para os grandes centros, resgatar partes importantes da historiografia da EAD, criar um repositório digital de práticas e experiências em EAD, provocar reflexões acerca do seu cenário atual, onde o investimento em tecnologias educacionais e a qualificação de seus profissionais têm dinâmicas diferentes.

Estou ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa só serão divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e de que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Alexandre Moroni, mestrando em Memória Social e Bens Culturais no Centro Universitário La Salle - Unilasalle e com ele poderei manter contato pelo telefone _____.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos:

- Sem anonimato.
- Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Alexandre Moroni, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

(assinatura do pesquisador/entrevistador)

APÊNDICE D – Cessão Gratuita de Direitos de Depoimento Oral

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, **Entrevistado (a)**: _____, RG: _____, emitido pelo (a): _____, domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____, **declaro ceder ao Pesquisador Alexandre Moroni**, CPF: _____, RG: _____, emitido pelo(a): _____, domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador aqui referido, na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, **como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, Vozes e Memórias Docentes: a trajetória entre a modalidade presencial e a Educação a Distância na percepção de professores de instituições de ensino superior privadas no RS, do Centro Universitário La Salle - Unilasalle**. O pesquisador acima citado fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, no *website* MemorialEAD (Apêndice F), após a minha conferência e aval, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

(assinatura do pesquisador/entrevistador)

APÊNDICE E – Cessão gratuita de direitos de uso de imagem

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS
Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, **Entrevistado** (a): _____, RG: _____, emitido pelo (a): _____, CPF: _____, domiciliado/residente na (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____, doravante denominado cedente, promovo a cessão e transferência ao **Pesquisador Alexandre Moroni**, CPF: _____, RG: _____, emitido pelo(a): _____, domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____, com base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem para publicação no *website* MemorialEAD, www.memorialead.com.br, conforme as seguintes condições:

- 1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação fotográfica, para publicação no *website* MemorialEAD.
- 2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter universal, total e definitiva e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.
 - 2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Alexandre Moroni a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou da modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o MemorialEAD venha a auferir.
 - 2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.
 - 2.3) O cedente elege o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do cedente

APÊNDICE F - O Produto Final

O ciberespaço e seus espaços de memória virtual têm como propósito não apenas o registro e a visibilidade no mundo ou mesmo na história, mas sim, passar para as gerações futuras os sentimentos que neles estão representados. Através destes sentimentos, a sociedade pode perpetuar os laços entre o passado e o futuro e fazer com que valores, princípios, experiências, vivências e tradições sejam transmitidas dos avôs para os pais, dos pais para os filhos, dos filhos para os netos, e assim por diante, através de suas memórias. Nesse sentido, o ciberespaço apresenta uma grande potencialidade de crescimento, pois o tempo, a capacidade de armazenamento de informações, as distâncias e os limites geográficos nele inexistem (BALZANDA, 2006, p. 7) e contribuem com a ideia de que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 9).

Com o propósito de atender às exigências do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, este pesquisador propõe o registro de parte das narrativas colhidas dos professores, baseadas nas entrevistas temáticas, em um espaço de memória virtual chamado MemorialEAD. O MemorialEAD é um *website* que vem sendo desenvolvido desde o dia 22 de agosto de 2013, disponível através do endereço eletrônico: www.memorialead.com.br.

Esse espaço de memória virtual se constitui em um Memorial, pois o seu “objeto de estudo são essencialmente sujeitos, sua individualização e sua identidade coletiva” (VIEIRA, 2011) e, segundo Gunter Axt “os memoriais são assim [...] espaços que brotam para bloquear a ação do esquecimento, fixando um conceito, imortalizando o que pereceu, corporificando o imaterial” (2012, p. 65).

Segundo Barcellos, “o eixo sobre o qual o trabalho de um memorial deve centrar sua organização é a memória” (1999, p.11) e, quando colocado na grande rede de computadores, esse “memorial a céu aberto” (1999, p. 16) permite à comunidade em geral o acesso às informações inerentes à sua temática (BARCELLOS, 1999).

Para reforçar a importância das narrativas dos professores em atuação apresentadas no MemorialEAD, Walter Benjamin (1994, p. 209) diz que,

[...] a narrativa segue o curso da vida, ela não se explica à parte da vida, simplesmente flui. Na medida em que a história é narrada, os fatos surgem acompanhando a memória do narrador, ‘que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas.

E ainda,

[...] a narração não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação faz), integra-o à vida do narrador para passá-lo ao convite como experiência. Nela ficam impressas marcas do narrador como os artigos das mãos do obreiro no vaso de argila (BENJAMIM, 1994, p. 68).

Essas narrativas, ou mesmo parte delas e mesmo a junção das mesmas em um espaço de memória virtual, se configuram praticamente em um trabalho artesanal, na medida em que elas são baseadas nas descobertas, aprendizagens e experiências oriundas de própria vida de seus protagonistas (SILVA, 2010).

Além do repositório digital dessas narrativas, baseadas nos relatos e testemunhos dos professores, o MemorialEAD pretende apresentar uma série de informações e ferramentas relacionadas à Educação a Distância:

- Início: página de apresentação do MemorialEAD e sua missão
- Alguns elementos históricos da EAD no Brasil: pesquisa bibliográfica e documental sobre o surgimento e a evolução da Educação a Distância no Brasil (seção 3.1 do Capítulo 3).
- Galeria: fotos da evolução da Educação a Distância e suas tecnologias.
- Legislação: evolução da legislação que versa sobre a EAD no Brasil, desde a sua implantação até os dias de hoje.
- Pesquisa na Internet: sites de pesquisa na Internet com credibilidade e lista de artigos sobre a EAD.
- Notícias e Eventos relacionados à EAD.
- Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA: oferta de cursos livres sobre as novas tecnologias da informação e da educação aplicadas na área da educação (em construção).

Segundo Axt (2012, p. 65-66),

[...] ao invocar o memorial, porém, modificamos o conceito, agregando ao lugar de memória mais ou menos estático a prestação de serviços à comunidade e desenvolvendo no seu seio um fórum de reflexão sobre a instituição trabalhada, ancorado no ferramental teórico e metodológico da pesquisa histórica. Embora o memorial possa se tornar um território expositivo, e até museal, estribado num acervo, este não é o compromisso precípua quando invocamos esta palavra em associação à ideia de memória institucional.

O *website* foi desenvolvido utilizando um dos principais Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo (*Content Management System – CMS*) da atualidade, o *WordPress*. Inicialmente utilizado para a criação de blogs, o *WordPress* é um poderoso sistema de gestão de conteúdos, desenvolvido em *PHP*¹⁹ e *MySQL*²⁰, e possui como grande diferencial por ser gratuito e de código aberto. Segundo dados divulgados pela empresa W3Techs – Soluções de Acesso a Internet (2015), o *WordPress* é atualmente o CMS mais utilizado, com mais de 74 milhões de *websites* criados no mundo e 21,3 por cento dos maiores *websites* do mundo foram criados através deste sistema, que evolui de forma acelerada com o auxílio da comunidade <http://make.wordpress.org/>.

Já o AVA, vinculado ao MemorialEAD, será o *Moodle*, pois o mesmo é um software livre, desenvolvido de forma colaborativa por uma comunidade virtual e está em constante atualização e estudos (TORI, 2010).

Nas figuras abaixo, são apresentados, respectivamente, a *Fan Page*²¹ no *Facebook* do MemorialEAD, criada em 17 de agosto de 2013, que, atualmente, conta com mais de 40 mil seguidores até o dia 29 de abril de 2015 e algumas telas do *website* do MemorialEAD.

Figura 5 – *Page* de divulgação do MemorialEAD no Facebook



Fonte: *Facebook* do MemorialEAD, 2015.

¹⁹ *PHP* é uma linguagem de programação livre, utilizada para o desenvolvimento de aplicações para gerar conteúdos dinâmicos na *WEB* (MARÇULA; BENINI FILHO, 2007).

²⁰ *MySQL* é um sistema de gerenciamento de banco de dados mais populares e utiliza uma linguagem de consulta estruturada como interface (MARÇULA; BENINI FILHO, 2007).

²¹ *Fan Pages* são páginas do *Facebook* destinadas a reunir comunidades ou fãs de uma determinada marca ou empresa.

Figura 6 – Tela de apresentação do *website* MemorialEAD

(51) 8044-5242 contato@memorialead.com.br Login Seja Bem Vindo!

MemorialEAD

HOME NOTÍCIAS EVENTOS GALERIA CURSOS LIVRES PESQUISA NA INTERNET CONTATO Pesquise aqui



Breve Histórico da EAD no Brasil

Seção 3.1 extraída na íntegra da Dissertação: "Vozes e Memórias Docentes: a trajetória entre a modalidade presencial e a educação a distância na percepção de professores de instituições de ensino superior do RS".

[Continue lendo...](#)

Vozes e Memórias Docentes

As pesquisas narrativas na área da educação apresentam duas funções, inicialmente a investigativa e, após sua finalização, a formadora, e é dessa forma que ela se qualifica. (SOUZA,2006).

[Confira...](#)

Legislação EAD

Desde seu surgimento no Brasil, que oficialmente ocorreu em 1904, com a implantação de uma escola norte-americana no país que ofertava cursos por correspondência, a legislação brasileira passou por uma série de alterações.

[Continue lendo...](#)

f in Copyright © 2015 - www.memorialead.com.br | Desenvolvido por: 

Fonte: MemorialEAD, 2015.

Figura 7 – Área restrita do MemorialEAD, onde estão armazenadas as entrevistas em áudio e transcritas

Home > Área Restrita



Selecione a Entrevista Desejada

Alexandre Cruz Berg Cristiane Martinatti Maia Denise Bandeira da Silva Jaime Nalin

Karin Koenig Márcia Cristiane de Abreu Margrit Reni Krug Patrícia Noll de Mattos

Sandro Celestino da Rosa Wollenhaupt

Fonte: MemorialEAD, 2015.

Figura 8 – Área restrita, entrevista do Professor Doutor Alexandre Cruz Berg em áudio e transcrita

(51) 8044-5242 contato@memorialead.com.br Login Seja Bem Vindo!

MemorialEAD

HOME NOTÍCIAS EVENTOS GALERIA CURSOS LIVRES PESQUISA NA INTERNET CONTATO Pesquise aqui

Home > Área Restrita > Alexandre Cruz Berg

Alexandre Cruz Berg

▶ 21:31 48:38

XX: boa tarde professor Berg

Alexandre: Boa tarde

XX: para contextualizar a nossa conversa vamos falar um pouco da sua experiência em educação a distancia em parte da dissertação de mestrado em memórias e bens culturais intitulado "vozes e memórias docentes" a trajetória entre a modalidade presencial e a educação a distancia na percepção de professores de instituições de ensino superior do rio grande do sul. Iniciando professor Berg eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho da sua carreira como docente de instituições de ensino superior

Alexandre: bom antes de eu ingressar na instituição de ensino superior eu dei aula de inglês em cursos de idiomas e essas aulas ocorriam em quanto eu fazia a graduação em computação que é a minha formação e logo a seguir quando eu me formei eu entrei no mestrado e nesse mestrado eu tive o convite pra ministrar

Fonte: MemorialEAD, 2015.

Figura 2 – Entrevista com foto do Professor Doutor Alexandre Cruz Berg publicada no website do MemorialEAD

Home > Vozes e Memórias Docentes > Professor Doutor Alexandre Cruz Berg

22 MAI

Professor Doutor Alexandre Cruz Berg

Por Memorial EAD Vozes e Memórias Docentes

Bacharel em Informática pela PUCRS, Especialista em Informática pela UFRGS e Doutor em Informática pela Universitat de Les Illes Balears – Espanha. Atualmente, atua como docente na ULBRA.

MemorialEAD: Boa tarde Professor Berg!

Alexandre Berg: Boa tarde!

MemorialEAD: Professor Berg, eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho da sua carreira como docente de Instituições de Ensino Superior...

Alexandre Berg: Bom, eu antes de ingressar em instituição de ensino superior eu dei aula de inglês em cursos de idiomas e essas aulas ocorriam enquanto eu fazia a graduação em computação, que é a minha formação, e logo a seguir, quando eu me formei eu entrei no mestrado



Fonte: MemorialEAD, 2015.